

EPIFÂNIO DIAS: O HOMEM E A OBRA

Maximiano de Carvalho e Silva
UFF

1 - O HOMEM

1.1 - Dados biográficos

Ao prestar a sua homenagem a Augusto Epifânio da Silva Dias em sessão solene da Universidade de Lisboa, realizada a 10 de dezembro de 1921, com a presença do Presidente da República, o grande humanista, filólogo e linguísta José Leite de Vasconcelos (*7/7/1858 – †17/5/1941) deixou-nos, em comovido depoimento pessoal sobre a vida do homenageado, e em erudita e extensa avaliação crítica da obra que nos legou, um ensaio biobibliográfico ainda hoje de consulta indispensável aos pesquisadores da evolução dos estudos e do ensino de Letras em Portugal e nos outros países de língua portuguesa¹.

Já no sumário do seu trabalho, divide Leite de Vasconcelos em quatro fases a vida de Epifânio: de 1841 a 1864, em Lisboa; de 1864 a 1867, em Santarém; de 1867 a 1881, no Porto; e de 1881 a 1916, novamente em Lisboa. E se propõe a tratar do seu labor científico como humanista (latinista e helenista), como romanista e como pedagogo. No correr da sua oração, reúne e comenta impressionantes dados relativos à profícua atividade desenvolvida incansavelmente por Epifânio em bem mais de setenta anos de uma existência marcada pela fidelidade aos ideais e por uma luta intransigente em favor de grandes causas, que muitos dissabores e aborrecimentos lhe acarretou, por ser um homem que não se dobrava diante de nenhuma conveniência ou ameaça.

Anos mais tarde, em 1937, outro grande admirador de Epifânio, e autor de nova análise da sua obra merecedora de toda a atenção, o humanista Francisco

¹ V. Leite de Vasconcelos, *Epifânio Dias: Sua Vida e Labor Científico* – “Oratio de Sapientia” Pronunciada na Sessão de Abertura Solene da Universidade de Lisboa em 10 de Dezembro de 1921, Lisboa, Imprensa Nacional, 1922, 73 p.

Rebello Gonçalves (*15/11/1907 – †23/4/1982)², assinalaria que com a visão global da vida e obra do nosso homenageado “veremos sempre o professor onde virmos o homem de ciência”, pois a conjugação do exercício do magistério das aulas e do “magistério da pena” (expressão usada com tanta propriedade por Serafim da Silva Neto³) foi preocupação dominante na vida daquele professor que tanto desejou transmitir “saber riquíssimo a várias gerações, e assim realizou trabalho de grande extensão cultural”⁴. Em tudo o que fez sem a preocupação de granjear honrarias e manifestações exteriores de glorificação, percebe-se o intuito de divulgar os progressos da ciência, de ministrar dentro das possibilidades do tempo as suas lições de Pedagogia, de Cultura Clássica, de Linguística Portuguesa, de Crítica Textual – muitas das quais lhe asseguram, sem favor, lugar de proeminência entre os pioneiros da renovação científica nos campos em que atuou.

Augusto Epifânio da Silva Dias nasceu a 7 de abril de 1841, na cidade de Lisboa⁵.

Não teve uma infância e juventude muito propícias, e se atribui a isto o fato de se agravarem certos traços negativos da sua personalidade, como a tendência à misantropia e a irritabilidade de ânimo.

Revelou-se nele desde cedo “rara propensão para as letras” (p. 9), que o levou – nos anos de 1861-1862 – a frequentar o Curso Superior de Letras de Lisboa: foi a época da sua iniciação no grego, com o “eruditíssimo helenista Antônio José Viale” (p. 9). Já antes, aos treze anos de idade, começara os estudos latinos, com “o afamado professor do Liceu de Lisboa, José Maria da Silveira Almendro” (p. 9)⁶. Cedo, Epifânio já sabia inglês; e seguramente antes de 1864, o alemão.

1864 a 1867 é o período da vida de Epifânio da passagem pela cidade de Santarém, onde – pelo concurso que fizera – deveria lecionar português, mas na realidade exerceu o magistério de latim e de grego. Data de então o

² V. Rebello Gonçalves, “Epifânio Dias, Professor e Filólogo”, in *Filologia e Literatura*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1937, p. 311-336.

³ In *Alfa-Ômega*, órgão dos alunos do Colégio Pedro II, ano II, novembro de 1945, nº 5, p. 8 [número dedicado ao Prof. Sousa da Silveira].

⁴ Rebello Gonçalves, op. cit., p. 313.

⁵ Para a apresentação dos dados biográficos seguintes, servimo-nos principalmente das informações de Leite de Vasconcelos no citado opúsculo *Epifânio Dias: Sua Vida e Labor Científico*. A muitas dessas informações não só demos redação própria, mas também acrescentamos novos elementos. As transcrições entre aspas neste tópico 1.1 indicam entre parênteses as páginas respectivas do opúsculo.

⁶ José Maria da Silveira Almendro não deixou obra nenhuma publicada. Quanto ao helenista Antônio José Viale, são de sua autoria: *Miscelânea Helênico-Literária*; *Seleção Camoniana*; e *Novo Eptome da História de Portugal*.

conhecimento que adquiriu dos “modernos métodos alemães da Filologia clássica, lendo a Gramática latina de Zumpt” (p. 10) – a *Lateinische Grammatik*, 11ª edição, Berlim, 1860.

A essa fase de três anos em Santarém, segue-se a de 1867-1881, como professor de latim, português e inglês no Liceu da cidade do Porto. No concurso a que se submeteu, impressionou vivamente os examinadores com vastos conhecimentos de latim e prodigiosa memória. Os anos no Porto foram para Epifânio “período cheio de labor científico, e ao mesmo tempo de tempestades” (p. 11): publicação dos primeiros trabalhos; atuação na reforma do ensino gramatical; incursões em outros campos do conhecimento (como o da Matemática); reações contra ele dos professores que “tinham orientação científica à antiga” (p. 12). Mas tudo terminou, quando o Decreto de 22 de março de 1881 o convertia em professor da Cadeira de Língua Grega do Liceu de sua cidade natal.

Até 1894, teve Epifânio Dias em Lisboa uma fase de relativa tranqüilidade, benéfica às suas ocupações de professor de grego e também de latim, com mais recursos para os estudos, e – a partir de 1883 – com os proveitos que lhe traziam as viagens por vários países, feitas nos períodos de férias.

Todavia, Epifânio – que desde os últimos tempos do reinado de D. Luís (*1838 – †1889) se tornara adepto das idéias republicanas – começou a despertar a maior repulsa dos adversários políticos, pois não poupava críticas ásperas ao regime, “principalmente em matéria relacionada com o ensino” (p. 13). Os anos de 1896 e 1897 foram dos mais amargos da sua vida: extinguiu-se o ensino de grego no Liceu de Lisboa, e instituiu-se o mesmo no Curso Superior de Letras, para onde Epifânio foi transferido, mas numa situação subalterna de professor anexo, “que nem às sessões do conselho escolar podia assistir” (p. 13); no final do ano de 1896 – como ele próprio relata na justificativa da dedicatória da edição de *Os Lusíadas* – em decorrência de um artigo do jornal *O País*, de 8 de novembro, baseado em informações suas, foi chamado a “responder em um processo de polícia correcional”, em virtude de queixa apresentada em juízo pelo Diretor Geral da Instrução Pública. Serviu-lhe de advogado o Dr. Eduardo Alves de Sá, que não aceitou remuneração alguma de Epifânio; e o julgamento do Tribunal da Relação de Lisboa se proferiu na sessão de 21 de dezembro de 1897. No dizer de Leite de Vasconcelos, “três fatos salvaram a honra da pátria: o discurso, sempre memorável, do advogado de defesa; a sentença do juiz, que, se não foi inteiramente absolutória, teve esse efeito; a manifestação dos estudantes de Lisboa, que, à porta do Tribunal, no momento em que o sábio Professor descia da bancada dos réus, ilibado do vilipêndio, irromperam em generosas e quentes palmas, para o glorificar” (p. 13-14). Curioso é verificar como o sentimento de gratidão ao advogado de defesa marcou profundamente Epifânio Dias, fazendo-o pensar numa publicação em sua

homenagem: datada de 30 de dezembro de 1908 e gravada nas páginas iniciais da edição crítica d’*Os Lusíadas*, foi todavia uma homenagem póstuma ao Dr. Eduardo Alves de Sá, que falecera dois anos antes, em 1906⁷.

Nada, porém, fez esmorecer o fervor intelectual de Epifânio, que em plena luta continuou a devotar-se aos estudos e pesquisas, até os derradeiros dias da existência.

Em 1911, criada a Universidade de Lisboa, a ela se agregou como Faculdade o Curso Superior de Letras. Não mudou, todavia, a posição do Mestre, que ali ficou apenas mais dois anos, jubilandando-se em 1913.

Quando, ainda em 1911, o Governo da República, através do Ministro do Interior, Antônio José de Almeida, instituiu por atos de 15 de fevereiro e de 16 de março a Comissão encarregada de fixar as bases da ortografia portuguesa, a ela associou seu nome, por tantos títulos ilustre; mas, como informa o relatório de 23 de agosto do mesmo ano, Epifânio “se escusou, declinando o encargo”⁸.

Foram dramáticos os seus últimos anos de vida. A jubilação teve o efeito negativo de criar condições para que não se visse forçado a sair de casa; agravou-se a doença de que sofria – o chamado “mal de Parkinson” ou “paralisia agitante”; a certa altura, também já não saía da cama, e, impossibilitado de escrever, tinha de socorrer-se de quem pudesse copiar o que ainda queria publicar. “O doloroso estado durou quase três anos, três horríveis anos; e só um estóico, da têmpera do Sr. Epifânio, conseguiria suportá-lo, sem quase um franzimento de rosto, ou leve gemido” – como diz Leite de Vasconcelos, discípulo e amigo fiel de longos anos (p. 15).

Faleceu Epifânio Dias na manhã de 30 de novembro de 1916.

1.2 - Traços da Personalidade

Traços marcantes caracterizavam a personalidade de Augusto Epifânio da Silva Dias.

Era um homem de caráter firme, incapaz de um jogo de acomodações em proveito pessoal – como atestam os que o conheceram mais intimamente.

⁷ Há um verbete sobre o Dr. Eduardo Dally Alves de Sá (Lisboa, *1849 – †1906) no volume quarto, s/d, p. 950, da enciclopédia *Lello Universal*, editada no Porto sob a direção de João Grave e Coelho Neto, em que ele é apontado como notável advogado que “tomou parte nos processos mais célebres do seu tempo” e autor de trabalhos jurídicos de valor.

⁸ V. Ministério do Interior – Direção Geral de Instrução Secundária, Superior e Especial, *Bases Para a Unificação da Ortografia que Deve Ser Adoptada nas Escolas e Publicações Oficiais – Relatório da Comissão Nomeada por Portaria de 15 de Fevereiro de 1911, Novamente Revisto Pelo Relator* [Aniceto dos Reis Gonçalves Viana], Lisboa, Imprensa Nacional, 1911, p. 7.

Não escondia as suas convicções, ainda que a sinceridade muitas vezes lhe causasse sérios aborrecimentos, como várias vezes sucedeu. Suas críticas, nem sempre justas, embora feitas de boa-fé, eram sem rodeios, francas, com frequência extremamente contundentes. Nas discussões, só em circunstâncias especiais abria mão das opiniões pessoais.

No exercício do magistério, era na verdade ao mesmo tempo bastante rigoroso e empenhado em que os alunos tivessem o melhor aproveitamento das aulas ⁹.

Não lhe agradava muito a convivência pessoal: eram poucos os amigos íntimos, e sempre evitou pertencer a agremiações políticas ou científicas. Gostava imensamente de viajar, e as viagens eram para ele motivo de recreação e oportunidade de ampliar os horizontes culturais. “Na vida particular influíam-no sentimentos de bom filho, de bom parente e de pessoa caridosa, pois protegeu seus pais, e outros membros da família, e dava muitas esmolas a necessitados. Era absolutamente sério no trato. A honradez tinha um altar no seu coração” ¹⁰.

2 - A ATIVIDADE INTELECTUAL DE EPIFÂNIO DIAS

2.1 - Um autêntico pioneiro

Na história da Cultura Portuguesa, situa-se inegavelmente Epifânio Dias, ao lado do pioneiro Francisco Adolfo Coelho (*1847 – †1919) e outros, entre os que mais contribuíram para a renovação científica nos campos da Pedagogia, dos Estudos Clássicos, da Crítica Textual e da Lingüística Portuguesa, de modo especial ¹¹.

Foram notáveis os serviços que prestou à instrução pública, quer como professor, quer como propugnador de reformas dos métodos de ensino de línguas em Portugal, a que deu excelente contribuição de latinista e helenista, e de conhecedor de algumas das principais línguas modernas.

Beneficiou-se grandemente a Lingüística Portuguesa não só com a propagação dos seus estudos gramaticais, mas também com as notas críticas que deixou a propósito da má orientação de tais estudos no ensino oficial de sua época.

⁹ O verbete “Epifânio (Augusto)” da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (vol. IX, Lisboa, Editorial Enciclopédia, s/d, p. 870), depois de o apresentar como “um dos mais notáveis latinistas e helenistas do seu tempo”, fala na “fama de grande severidade, descomedida exigência e severa irascibilidade” em que era tido, como professor.

¹⁰ Leite de Vasconcelos, op. cit., p. 38.

¹¹ Ressalta muito bem o pioneirismo de Epifânio Dias o artigo de Mendes dos Remédios “A Filologia Portuguesa – Seus Atuais e Maiores Representantes”, na *Revista de Língua Portuguesa* de Laudelino Freire, n° 19, setembro de 1922, p. 107-121.

No terreno da Crítica Textual, a ação de Epifânio teve as características de pioneirismo indiscutível, como salientou Serafim da Silva Neto: “Não menor serviço prestou Epifânio ao meter ombros à difícil tarefa de empreender, pela primeira vez em Portugal, edições críticas de textos. Até que o Mestre publicasse os seus trabalhos, o que havia (a não ser tentativas feitas lá fora) era, salvo um ou outro esforço, de molde a desluzir a ciência filológica portuguesa”¹².

2.2 - Traços da personalidade do intelectual

Foi Epifânio um modelo perfeito de intelectual, que aliava à obsessão com os progressos da ciência uma rara probidade e seriedade comprovadas a cada passo na vida profissional e nos múltiplos trabalhos que realizou.

O Mestre, que “pensava muito pouco em si, em se notabilizar, em se imortalizar”¹³, sempre pôs o seu superior talento e cultura a serviço da grande causa da instrução pública, a que se consagrou em todos os graus, com espírito de verdade e de justiça. Por isso, disse dele com toda a razão, no discurso que pronunciou à beira da sepultura, um antigo e distinto aluno de Epifânio na Faculdade de Letras de Lisboa, Urbano Canuto Soares: “vincou em obras de imperecível merecimento as características do seu espírito profundamente analítico, a nunca desmentida probidade científica, o saber e erudição verdadeiramente formidáveis e o entranhado amor da sua pátria, que ele, como português de melhores eras, soube amar desveladamente, exteriorizando esse culto pelos serviços inesquecíveis que prestou em matéria de instrução pública e pelo afeto com que comentou as obras de algumas das grandes figuras literárias de Portugal”¹⁴.

2.3 - Atividade pedagógica

A rica e variada atividade pedagógica desenvolvida por Epifânio Dias se manifestou sob três aspectos principais: a ação do reformador dos métodos de ensino em Portugal; o exercício do magistério em variadas funções e graus; e a publicação de trabalhos de crítica e de obras didáticas.

Os anos passados na cidade do Porto fizeram-no perceber mais agudamente as deficiências e os erros dos métodos de ensino então em voga. A consciência da necessidade de renovação foi-se desenvolvendo nele cada vez mais, obrigando-o a participar de discussões azedas e a externar com franqueza rude os pontos de vista com os quais se solidarizara.

¹² Cf. *Manual de Filologia Portuguesa*, 2ª ed. melhorada e aumentada, Rio de Janeiro, Acadêmica, 1957, p. 19-20.

¹³ Leite de Vasconcelos, op. cit., p. 27.

¹⁴ “Necrologia – Epifânio Dias”, in *Revista Lusitana*, de Leite de Vasconcelos, vol. XIX, 1916, n.º 1-2, p. 340.

Em 1894, já em Lisboa, quando se falou em “nova e larga reforma de instrução secundária”¹⁵, acendeu-se em seu espírito a esperança do apoio oficial à realização da reforma pedagógica que se impunha. Porém, o que veio foi a Lei de 1894 e o Regulamento de 1895: não eram o que Epifânio esperava, e despertaram nele exasperadas reações, como aquelas que, no ano seguinte, motivaram o processo em consequência da queixa apresentada pelo Diretor Geral da Instrução Pública.

No exercício do magistério – de português, latim, grego, francês ou inglês – teve Epifânio o campo experimental dos novos métodos de professor “solidamente inteirado dos princípios da Pedagogia”¹⁶. Das aulas, preparadas com carinho, resultaram muitas das publicações que mostram como foi ele capaz de harmonizar o rigor científico com a melhor apresentação didática da matéria lecionada. “Ainda que o seu ensino, pela força triste das coisas, tinha de ser elementar, ele armazenava constantemente conhecimentos, e estava equipado, como se houvesse de prelecionar de alta cátedra a alunos exigentes. Isto revela a probidade, o caráter do professor!”¹⁷.

Como ex-aluno, amigo íntimo e biógrafo que acompanhou de perto a trajetória do Mestre, Leite de Vasconcelos pôde relacionar os documentos que atestam o labor pedagógico de Epifânio¹⁸. Tais ensaios e pareceres, alguns dos quais ainda hoje inéditos, e mais as obras didáticas de sua autoria, escritas principalmente para o nível médio, foram uma contribuição de alto teor à renovação educacional em Portugal, e por muitos ensinamentos que contêm ainda são de grande atualidade. A exemplo do que se está fazendo com os dispersos, inéditos e trabalhos esgotados que ainda são de alto interesse, deveriam ser reeditados na íntegra, não apenas como homenagem ao autor da *Gramática Portuguesa Elementar*, mas sobretudo como valioso serviço aos estudiosos da história da cultura pedagógica no mundo de língua portuguesa.

2.4 - O cultor das Letras Clássicas

Epifânio Dias foi em Portugal um dos maiores e mais seguros cultores das Letras Clássicas. Nos mencionados estudos a ele dedicados por Leite de Vasconcelos e Rebelo Gonçalves está devidamente analisada a sua atuação como latinista e como helenista. Aos treze anos de idade, como vimos, já se iniciara nos estudos latinos, em Lisboa; e mais tarde, no Curso Superior de Letras, dera os primeiros passos para o conhecimento da língua e da cultura helênica.

¹⁵ Leite de Vasconcelos, op. cit., p. 13.

¹⁶ Ibidem, p. 33.

¹⁷ Ibidem, p. 27.

¹⁸ Ibidem, p. 66-68.

Rebello Gonçalves acentua que foi como latinista que ele granjeou maior fama em Portugal: renovador e polemista em defesa do bom ensino do latim; defensor dos que se dedicavam com seriedade e boa orientação ao ensino da língua; autor de estudos latinos; editor de textos; dicionarista; epigrafista; tradutor.

Segundo Leite de Vasconcelos, era espantoso o seu conhecimento da língua e da literatura latina: “quando se lhe fazia uma pergunta, nunca ela ficava sem resposta e sem explicação”¹⁹.

Possuindo esse notável lastro de conhecimentos, lamentava “o estado lastimoso” em que se encontrava “o ensino gramatical do latim”, e assim, com a finalidade de melhorá-lo, “traduziu de uma edição alemã, e publicou em 1872, no Porto, a *Gramática Latina* do filólogo dinamarquês Ioham Nicolai Madvig” (*1804 – †1886)²⁰.

No “Prefácio” dessa edição da *Gramática* de Madvig, que trazia tantas inovações, Epifânio critica acerbamente os métodos de estudo e ensino do latim então adotados, especialmente por Joaquim Alves de Sousa, professor de língua hebraica no Liceu Nacional de Coimbra e autor de uma *Gramática Elementar da Língua Latina Para Uso das Escolas* que teve sucessivas reedições (a 8ª, de 1878). Essa crítica motivou a publicação da *Resposta a Um Crítico ou Exame de Algumas Asserções do Sr. Augusto Epifânio da Silva Dias Sobre Gramática Portuguesa e Latina*, impresso em Coimbra na Imprensa da Universidade em 1873 (4+160 p.). Pouco depois Epifânio replicou com o livro *O Latim do Sr. Alves de Sousa Examinado nas Suas Três Obras: Gramática Elementar da Língua Latina, Curso de Temas Graduados, Resposta a um Crítico*, impresso no Porto, Tipografia de Manuel José Ferreira, também em 1873, com 91 p. A polêmica de Epifânio e Joaquim Alves de Sousa oferece matéria de suma importância para o conhecimento e avaliação dos métodos e das condições do estudo e ensino do latim e do português naquela época.

Foi ainda o conhecimento da língua latina que permitiu a Epifânio fazer e publicar em 1901 a versão do latim para o português, com o título *Espelho da Vida Humana*, do ensaio autobiográfico de Uriel da Costa (*1585? – †1647?)

¹⁹ Ibidem, p. 21.

²⁰ Ibidem, p. 18. Na folha de rosto vem a informação de que a gramática foi “trasladada do alemão para português”; na página IX do prefácio de Epifânio se diz que a tradução “reproduz, pode dizer-se, integralmente a terceira edição alemã”, apenas com a supressão de algumas observações e exemplos, como o próprio Madvig fez na edição abreviada. Todavia, anos mais tarde Nicolau Firmino, num estudo prévio da reedição do *Epítome* da Gramática de Madvig, por ele organizada, adaptada e publicada em 1942, sem pôr em dúvida a familiaridade de Epifânio com a língua germânica, levanta a estranha suposição de estar a tradução “decalcada” na que fizera N. Theil para o francês em 1878: é uma questão a esclarecer num estudo comparativo.

Exemplar Vitae Humanae, publicado pela primeira vez por Philip van Limborch na sua obra *De Veritate Religionis Christianae: Amica Collatio cum Erudito Judeo*²¹. Nesse relato, o autor, nascido na cidade do Porto, judeu de origem, rememora os longos anos de cristão-novo passados em Portugal, com destacada atuação na Universidade de Coimbra, a sua renúncia à condição de católico e ao nome adotado de Gabriel, e as ameaças de perseguição que o fizeram refugiar-se na Holanda (Amsterdã), onde no correr do tempo, convertido em livre-pensador, seria alvo de perseguições na própria comunidade judaica, o que lhe acarretou um fim trágico, levado ao suicídio por volta do ano de 1647²². Questões a serem elucidadas – o que não pudemos fazer por falta de elementos informativos mais seguros – dizem respeito ao que particularmente teria levado Epifânio a interessar-se pela figura de Uriel da Costa, e às razões que o associaram a Teófilo Braga – um como prefaciador do volume, o outro como tradutor do texto latino – nesse empreendimento editorial que para ambos terá tido algum significado especial²³. Leite de Vasconcelos, que na sua biografia registra sem comentários a tradução do livro de Uriel da Costa, nos diz que Epifânio, dotado de uma curiosidade intelectual insaciável, sempre gostava de ler “cousas de história religiosa”, entre elas certamente as que puseram em conflito católicos e judeus na época da Inquisição e os próprios judeus separados por divergências doutrinárias²⁴.

Como helenista, pode-se apontá-lo sem dúvida entre os maiores. São enfáticas as declarações de Leite de Vasconcelos e de Rebelo Gonçalves a

²¹ Uriel da Costa, *Espelho da Vida Humana*. Versão de A. Epifânio da Silva Dias, com Uma Introdução Sobre a Autobiografia de um Livre-Pensador por Teófilo Braga. Lisboa, Imprensa Lucas, 1901, 36 p.

²² Entre as fontes para obtenção de informações e apreciações sobre a atuação e os escritos de Uriel da Costa, podemos citar: verbete “Gabriel da Costa” [=Uriel da Costa] no tomo II da *Biblioteca Lusitana - Histórica, Crítica e Cronológica* por Diogo Barbosa Machado (Lisboa, 1747); verbete “Uriel da Costa” no *Dicionário Bibliográfico Português* de Inocêncio Francisco da Silva, tomo VII, Lisboa, Imprensa Nacional, 1862, p. 392; prefácio de Teófilo Braga na versão de Epifânio; Carolina Michaëlis de Vasconcelos, in *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. VII, 1920, e in *Lusitânia*, fasc. 1, jan. 1924, p. 5-22; verbete “Uriel da Costa” do *Dicionário Universal de Literatura* de Henrique Perdigão, 2ª edição, Porto, Edições Lopes da Silva, 1940, p. 114, onde se diz que ele se tornou mais conhecido em Portugal pela tradução de Epifânio; José Pereira de Sampaio Bruno, in *Os Portugueses Ilustres*, tomo I, 1907, p. 379-384; no opúsculo *Exemplo da Vida Humana (Exemplar Vitae Humanae) por Uriel da Costa*, tradução, prefácio e notas de Castelo Branco Chaves (coleção Cadernos da “Seara Nova” – Textos Filosóficos, Lisboa, 1937); A. Moreira de Sá, introdução a Uriel da Costa, *Três Escritos*, Lisboa, 1963; I. S. Révah, verbete “Costa, Uriel da” do *Dicionário de Literatura*, direção de J. do Prado Coelho et alii, vol. I, ed. cit., p. 226.

²³ Ao colega e amigo Evanildo Bechara, de longa data um “devoto” de Epifânio Dias, estudioso de sua obra e colecionador de raridades bibliográficas a ele respeitantes, agradecemos valiosas indicações e o empréstimo do seu exemplar da edição de 1901 de *Espelho da Vida Humana* e do pequeno livro de Castelo Branco Chaves, há pouco referido.

²⁴ Leite de Vasconcelos, op. cit., p. 43.

respeito da erudição helênica de Epifânio. Deixou no entanto pouca coisa publicada sobre o grego, e inéditos – como os manuscritos do Curso Elementar de Mitologia Grega, que ministrou em Santarém, nos anos de 1865-1866. Testemunha Leite de Vasconcelos que ele “lia no original inúmeros autores gregos”: “apresentava-se-lhe qualquer texto grego: e ele traduzia de repente, sem preparação, sem titubeamento, dando as razões de tudo, insuflando vida àquilo que parecia mumificado”²⁵.

“Epifânio era, com efeito, sem detrimento das suas especialidades, amante de todo o saber” – afirma Rebelo Gonçalves; “reconhecia que o espírito humano carece de alimento vário, para maior desenvolvimento das faculdades críticas”²⁶. Esse amplo domínio das Letras Clássicas ajuda-nos a compreender como, naqueles derradeiros tão sofridos anos da sua vida, pôde ele realizar a parte mais importante da monumental edição crítica d’*Os Lusíadas*: os riquíssimos comentários em notas de rodapé, que evidenciam admirável familiaridade com a cultura latina e a cultura helênica.

2.5 - Epifânio e as línguas estrangeiras modernas

Outro aspecto da vida intelectual de Epifânio Dias que deve ser ressaltado é o seu extraordinário interesse por bom número de línguas estrangeiras modernas, algumas das quais ele sabia muito bem, tendo-se dedicado ao seu ensino, quer através das aulas liceais, quer através de trabalhos que publicou.

Na cidade do Porto, lecionou inglês, e teve como aluno Leite de Vasconcelos, que lá fora fazer os seus preparatórios. Inglês era uma das línguas que Epifânio dizia “conhecer melhor, confessando sentido apreço da sua magnífica literatura”²⁷. A língua alemã, que Epifânio começou a aprender no Curso Superior de Letras, foi-lhe de grande utilidade para avaliar “os primores do método filológico alemão, ou para colaborar em revistas germânicas”²⁸.

Leite de Vasconcelos alude à colaboração recebida de Epifânio “pela *Seleção Inglesa* de Northway do Vale, e bem assim a um volumoso maço de apontamentos destinados a uma Sintaxe inglesa, da qual desistiu com o aparecimento da excelente *Gramática* de Júlio Moreira”²⁹.

Das línguas românicas, Epifânio interessou-se sobremaneira pelo italiano, pelo espanhol e pelo francês. Um dos seus mais notáveis trabalhos didáticos,

²⁵ Idem, p. 27.

²⁶ Rebelo Gonçalves, op. cit., p. 328.

²⁷ Idem, p. 329.

²⁸ Idem, p. 329.

²⁹ Leite de Vasconcelos, op. cit, p. 33.

em colaboração com J. Eduard von Hafe, é a *Gramática Francesa Para Uso das Escolas*, cuja 1ª edição veio a lume no Porto, em 1875. No prefácio esclarecem os autores que as duas primeiras partes da *Gramática* (fonologia e morfologia) pertencem a von Hafe, e a sintaxe a Epifânio (p. 114 a 370); e assim caracterizam os aspectos renovadores da obra publicada:

Serviu de base para a Morfologia a *Schulgrammatik der französischen Sprache* de Plötz e para a Sintaxe a *Nouvelle Grammaire Française Basée sur le Latin*, para uso dos alemães, do mesmo autor. Aqueles para quem não forem estranhas estas obras notáveis, reconhecerão facilmente que a muitos respeito o presente livro é trabalho novo, por exemplo, no tratado da pronúncia e nas observações relativas às diferenças que existem entre a língua francesa e a portuguesa. Em muitos lugares alterou-se o método, em outros ampliou-se o material e cortou-se o que era de interesse para alemães e não para portugueses, e afoutamente se pode dizer que esta obra quase nunca á mera tradução.

Por tudo isto, a leitura da *Gramática Francesa* de J. Eduard von Hafe e Epifânio, com as suas densas páginas de estudos comparativos e preciosos ensinamentos, muito beneficiaria os atuais professores de língua francesa, do ensino médio ou do ensino superior, que nela encontram observações numerosas para enriquecer as suas aulas.

E ainda: como eram de certa freqüência as viagens pelo cantão dos Grisões, na Suíça, um dos seus lugares preferidos, a curiosidade de Epifânio se voltou para o dialeto do Vale da Engadina, a ponto de iniciar até um dicionário português-engadinês, que não concluiu.

2.6 - Estudos de Lingüística Portuguesa e Crítica Textual

O lingüista e filólogo – cujas atividades abrangeram área tão extensa, sem prejuízo da qualidade do que produziu – é de modo geral mais conhecido como ensaísta e editor de textos nos campos da Lingüística Portuguesa e da Crítica Textual.

Classificam-se seus trabalhos em três grupos:

ESTUDOS GRAMATICAI E ESTILÍSTICOS ³⁰

- 1) *Gramática Prática da Língua Portuguesa*, Porto, 1870.
- 2) *Gramática Portuguesa Elementar*, Porto, 1876.
- 3) *Sintaxe Histórica Portuguesa*, Lisboa, 1918.
- 4) Artigos na *Revista Lusitana* dirigida por Leite de Vasconcelos.

³⁰ V. indicações bibliográficas mais completas no item 5.3.

A *Gramática Prática da Língua Portuguesa*, publicada em 1870, e refundida em 1876 com o nome de *Gramática Portuguesa Elementar*, é ainda hoje “modelo de concisão e segurança” – como afirmou Serafim da Silva Neto no seu *Manual de Filologia Portuguesa* ³¹. É obra pioneira – essa visão metódica do sistema da língua, numa época em que só se podia deplorar o baixo nível dos estudos gramaticais em Portugal e no Brasil. Citava-a sempre com louvores, como ouvimos várias vezes, pensando até em reeditá-la com breves notas de atualização, o sábio filólogo Sousa da Silveira, que após ao seu exemplar da *Gramática* vários apontamentos e observações preciosas.

A *Sintaxe Histórica Portuguesa* – obra póstuma e incompleta, dos últimos anos de vida, e a que o autor não pôde “dar a última demão” – foi lançada pela Livraria Clássica Editora em 1918, como a melhor forma de homenagear o autor, que penosamente se empenhou em terminá-la, sem lograr por completo o seu intento. É outra obra de referência e de consulta obrigatória, cujos excelentes ensinamentos ainda são aproveitados pelos melhores tratadistas dos nossos dias. Saída “das mãos trêmulas de um moribundo” – como atesta Leite de Vasconcelos ³², era parte do plano de uma Gramática Histórica para a qual Epifânio deixou muitos apontamentos referentes a Fonologia e Morfologia. Para mais informações e dados sobre o livro convém ler: 1) a “Declaração do Editor” datada de 30 de novembro de 1917 – na 1ª edição; 2) a conscienciosa recensão de Augusto C. Pires de Lima publicada em 1918 na *Revista Lusitana*, onde a par de muitos louvores são apontadas falhas e deficiências nas lições do livro, explicáveis pelas circunstâncias em que foi preparado ³³; 3) a “Declaração Relativa à 2ª Edição”, de 1933, assinada por Rodrigo de Sá Nogueira; 4) e o estudo de Evanildo Bechara intitulado “As Fases Linguísticas do Português na *Sintaxe Histórica* de A. E. da Silva Dias” ³⁴. Convém dizer que, ao publicar a primeira edição do seu *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonologia e Morfologia)*, José Joaquim Nunes (*1859-†1932) teve no Prefácio a humildade de fazer a seguinte declaração: “sabendo que o, há pouco falecido, professor Epifânio Dias preparava um estudo especial dessa parte da gramática [a sintaxe], desistira de ocupar-me dela, visto estar entregue a quem melhor do que eu podia desempenhar-se de tal tarefa”. Dizia Nunes em seguida que, lendo o “excelente” trabalho publicado por Epifânio, sentiu todavia que o autor “seguira processo

³¹ V. Serafim, *Manual*, ed. cit., p. 19.

³² V. Leite de Vasconcelos, op. cit., p. 29.

³³ V. vol. 21, 1918, p. 204-208.

³⁴ In *Primeiros Ensaios Sobre Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Livraria São José, 1954, p. 129-146.

diferente” do seu, e por isso voltara à primitiva idéia de acrescentar uma parte de Sintaxe ao seu *Compêndio*, plano que as circunstâncias da vida não lhe permitiram realizar ³⁵.

Nos anos seguintes, aos ensinamentos de Epifânio, recorreram os autores dos principais estudos de Gramática Histórica no Brasil, como Said Ali, Sousa da Silveira, Cláudio Brandão, Serafim da Silva Neto, Ismael de Lima Coutinho e outros mais.

No artigo relativo a Epifânio Dias de *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* ³⁶, afirma com inegável autoridade o lingüista Herculano de Carvalho, numa síntese de apreciação dos seus estudos gramaticais: “Devem-se-lhe também duas gramáticas portuguesas (*Gramática Prática da Língua Portuguesa*, Porto, 1870; *Gramática Portuguesa Elementar*, Porto, 1876) – de caráter renovador, apesar das suas modestas proporções –, e sobretudo uma *Sintaxe Histórica Portuguesa* (Lisboa, 1918), publicada postumamente, inacabada mas rica de fatos e de criteriosas interpretações”.

CRÍTICA LINGÜÍSTICA E FILOLÓGICA ³⁷

1) Na *Revista Lusitana*: recensões sobre a edição de Tito de Noronha dos *Autos* de Antônio Prestes (1879), sobre a *Crônica de Guiné* editada pelo Visconde de Santarém, sobre os códices alcobacenses editados por Cornu; e mais “Versos de Bernardim Ribeiro”.

2) Recensões na *Zeitschrift für romanische Philologie* – sobre a edição do *Cancioneiro da Vaticana* de Teófilo Braga, sobre a edição de Alberto Pimentel dos *Autos* de Antônio Ribeiro Chiado, sobre o texto do *Cancioneiro Geral* na edição de Kausler, sobre o texto da lenda de Barlaão e Josafá editado por G. de Vasconcelos Abreu.

3) Nota crítica sobre a *Gramática* de Bento José de Oliveira, 1872 (inérita).

A crítica lingüística e filológica de Epifânio, ainda dispersa ou em parte inédita, não se pode pôr de lado, pelas noções de tratamento de problemas de texto e pelas inúmeras outras lições que encerra, orientadoras de futuras edições dos trabalhos recenseados.

Recomendava Serafim da Silva Neto, como um dos melhores meios de aguçar o espírito crítico, a leitura atenta de recensões e notas bibliográficas. No

³⁵ V. “Prólogo da 1ª edição” reproduzido nas páginas VII-VIII, da 8ª edição do *Compêndio*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1975.

³⁶ V. vol. 6, Lisboa, 1967, col. 1290-1291.

³⁷ V. indicações bibliográficas mais completas no item 5.3.

livro *Textos Medievais Portugueses e Seus Problemas* há um capítulo sobre os erros mais comumente observados na leitura para a preparação de textos, onde ele escreveu: “O melhor meio de evitar erros e descuidos é, como já dissemos alhures, ler as minuciosas críticas feitas a edições que não merecem integral confiança, ou que tenham obedecido a critérios discutíveis. A mesma utilidade apresentam as resenhas de grandes obras, escritas por especialistas do mesmo ramo”. Em seguida, cita Serafim como primeiros exemplos na lista que organizou as resenhas de Epifânio sobre as edições acima citadas do *Cancioneiro da Vaticana*, da lenda de Barlaão e Josafá, dos códices alcobacenses, do *Cancioneiro Geral*, da *Crônica de Guiné* e dos *Autos* de Antônio Prestes e Antônio Ribeiro Chiado³⁸.

EDIÇÕES CRÍTICAS DE TEXTOS PORTUGUESES³⁹

- 1) *Obras de Cristóvão Falcão*, 1893.
- 2) *Esmeraldo de Situ Orbis* de Duarte Pacheco Pereira, 1905.
- 3) *Os Lusíadas* de Luís de Camões, 1910 / 1916-1918.

Como observou Leite de Vasconcelos, foi “o manuseamento das belas edições alemãs de textos latinos e gregos” que levou Epifânio Dias “a aplicar ao português trabalho análogo de expungir erros de textos impressos, dando deles edições críticas, ou corrigindo-os em revistas”⁴⁰.

Antes de preparar as suas próprias edições, teve Epifânio a experiência da publicação de resenhas críticas de edições de textos medievais e quinhentistas a que há pouco nos referimos. Preparando-as com a máxima preocupação do rigor científico, enfrentou todavia o grave problema das deficiências de uma época em que se firmavam os princípios das ciências da linguagem e em que se realizavam pesquisas em busca de desconhecidas fontes bibliográficas.

As edições críticas que publicou, quaisquer que sejam as restrições justas que possam sofrer em face do estado atual da pesquisa filológica, oferecem valiosos subsídios a quem se proponha a reexaminá-las à luz dos conhecimentos atuais. Nelas, o que há de mais expressivo são os comentários filológicos, entre eles as notas de exegese dos textos, que só pôde fazer por ter tão amplo domínio da cultura clássica e estar tão familiarizado com as obras dos autores greco-latinos e portugueses. Não há a menor dúvida de que tais edições, pelos motivos apontados, conferem a Epifânio lugar de relevo entre os grandes desbravadores dos caminhos que hoje palmilhamos com muito mais segurança

³⁸ Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 1956, p. 33-34.

³⁹ V. indicações bibliográficas mais completas no item 5.4.

⁴⁰ Op. cit., p. 29.

e tranqüilidade, – colocam-no pois, naquele período que vai da segunda metade do século XIX à primeira metade do século XX, ao lado de figuras oraculares como Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Leite de Vasconcelos, Sousa da Silveira e outros mestres da Crítica Textual em Portugal e no Brasil.

Obras de Cristóvão Falcão

A edição das *Obras de Cristóvão Falcão*, publicada no Porto em 1893, foi o primeiro exemplo completo que Epifânio Dias nos deu da sua capacidade de editar criticamente textos clássicos sobre os quais pairavam muitas dúvidas, segundo normas estabelecidas a partir de uma visão histórico-cultural mais apurada, de exaustivos dados biobibliográficos e da análise cuidadosa do que antes se fizera em relação a esses textos.

Tal edição compõe-se das seguintes partes: “Introdução”; relação de siglas; “Égloga” – o texto completo com numerosas notas de rodapé (divididas em notas sobre a fixação do texto e notas explicativas e exegéticas); “Carta”, também com notas de rodapé; “Excurso I/ Sobre a Metrificação Portuguesa”; “Excurso II / Sobre Pontos de Ortografia Antiga”; e “Excurso III / Sobre “os erros numerosos que desfiguram as edições das obras de Cristóvão Falcão”; “Erratas”; “Quadro genealógico (segundo as melhores autoridades)”. A “Introdução” se divide em V partes. Como o título do livro deixa claro, Epifânio partiu na noção de que o autor das obras editadas era Cristóvão Falcão, e é dele que trata na primeira parte. Nas outras partes, refere-se a diversas questões, entre elas as relativas a outras composições atribuídas ao mesmo poeta, às impressões do *Crisfal*, e menciona e faz críticas a pontos de vista de Teófilo Braga (*1843-†1924). Desconhecendo a edição de Ferrara, de 1554⁴¹, da *História de Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro, que inclui a égloga *Crisfal* atribuindo-a a Cristóvão Falcão, Epifânio tomou como texto de base o da edição de Colônia, de 1559. Teve sempre em mira, entre outras edições anteriores, a de Teófilo Braga das *Obras de Cristóvão Falcão, Contendo a Égloga de Crisfal, a Carta, Cantigas Esparsas e Sextinas*, rotulada de edição crítica, com um estudo sobre a vida do autor e a época em que viveu (Porto, Imprensa Portuguesa Editora, 1871). Ao trabalho de Teófilo Braga fez muitas restrições e objeções.

Não é de admirar portanto que as novas propostas de texto crítico e de comentários de Epifânio tenham sido alvo das atenções de Teófilo Braga, que

⁴¹ Dessa edição têm hoje os estudiosos, em transcrição diplomática do texto: *Bernardim Ribeiro e Cristóvão Falcão, "Obras"*, Nova Edição Conforme a Edição de Ferrara, Preparada e Revista por Anselmo Braancamp Freire e Prefaciada por Carolina Michaëlis de Vasconcelos. 2 volumes: I – Coimbra, Imprensa da Universidade, 1923, 322 p. / II – 2ª edição (com os erros tipográficos da 1ª corrigidos), 335 p.

sobre elas se manifestou duramente em mais de uma ocasião, desde o ano de 1897, inclusive para dizer que com as miudezas das suas notas “o gramático [que era Epifânio] abafa por todos os lados a obra literária”⁴². As críticas de Teófilo Braga também visaram à matéria do artigo de Epifânio “Fragmentos de um Cancioneiro do Século XVI” estampado no volume IV da *Revista Lusitana*. Informa Leite de Vasconcelos que o Mestre estava atento a essas críticas, e a respeito delas dá o seguinte depoimento⁴³: “Num exemplar que possuo das *Obras* pôs o Sr. Epifânio algumas notas manuscritas de acordo com algumas idéias da Sr^a D. Carolina”⁴⁴.

No julgamento geral, a edição de Epifânio, com o correr do tempo foi consagrada por expressões de altíssimo louvor, como melhor que “todas as edições anteriores” (Leite de Vasconcelos⁴⁵), “ainda hoje, modelo de crítica e método” (Serafim da Silva Neto⁴⁶), “excelente edição” (Rodrigues Lapa⁴⁷), tendo servido de base inclusive à edição de 1964 de F. Costa Marques⁴⁸. Ela não só está mencionada, como tem inúmeras notas comentadas na edição das *Trovas de Crisfal* preparada por Guilherme G. de Oliveira Santos⁴⁹. Cita-a também várias vezes Manuel da Silva Gaio num ensaio sobre Cristóvão Falcão em que se refere a Epifânio como “notável gramático, filólogo e professor”⁵⁰.

Sousa da Silveira, ao reexaminar o poema para preparar a sua edição comentada, editada em 1933 e incluída em 1945 como parte do livro *Textos Quinhentistas*, afirma que teve sempre diante dos olhos a edição de Epifânio, que “grandemente se distingue e a todos os estudiosos se impõe”. Em judiciosas explicações não deixou de mencionar os motivos que o levaram a pensar nessa nova edição do poema: a necessidade de se proceder à atualização de

⁴² V. Teófilo Braga, *Bernardim Ribeiro e o Bucolismo*, Porto, Livraria Chardron, 1897, p. 397-424. As palavras mais contundentes de Teófilo estão repetidas na página 187 da sua reedição das *Obras de Cristóvão Falcão* lançada em 1915 na cidade do Porto pela “Renascença Portuguesa”.

⁴³ Op. cit., p. 57.

⁴⁴ Essas notas manuscritas são comentários ao que diz Carolina Michaëlis de Vasconcelos da edição crítica de Epifânio em *Litteraturblatt für germanische und romanische Philologie*, n° 8, agosto de 1894.

⁴⁵ Op. cit., p. 30.

⁴⁶ V. *Manual*, ed. cit., p. 20.

⁴⁷ V. Cristóvão Falcão, *Crisfal*, com prefácio e notas de Rodrigues Lapa, Lisboa, Gráfica Lisbonense, 1943, p. XVII; 2ª ed., 1962, p. XVIII.

⁴⁸ V. *Crisfal*, Notícia Histórica e Literária e Texto Fixado e Anotado por F. Costa Marques, Coimbra, Atlântida, 1964, p. 20.

⁴⁹ *Trovas de Crisfal*, Reprodução Fac-símile da Primeira Edição, Estudo, Variantes e Notas por Guilherme G. de Oliveira Santos. Lisboa, Livraria Portugal, 1965 [capítulo “Quem escreveu o Crisfal”].

⁵⁰ V. *Bucolismo - II - Cristóvão Falcão*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933, p. 162.

grafia, levando em conta o sistema ortográfico vigente, para tornar a leitura “mais acessível e mais regular”; o fato de querer seguir as lições da edição de Ferrara (1554), confrontadas com as soluções adotadas por Epifânio com base na de Colônia (1559), e de querer apresentar “interpretações novas” em suas notas que lhe pareceram “preferíveis às de Epifânio”⁵¹.

Pelos nomes mencionados, fica evidente a extraordinária importância da edição de Epifânio para o conhecimento e a interpretação do texto da famosa égloga. Serafim da Silva Neto dá relevo aos excursos que nela fez o filólogo sobre metrificação portuguesa, sobre pontos de ortografia antiga e sobre erros de leitura⁵². A questão da autoria, e da existência de um poeta com o nome de Cristóvão Falcão, no entanto, divide os estudiosos, a ponto de alguns deles, como Antônio José Saraiva, F. Costa Marques, Guilherme G. de Oliveira Santos, Antônio Salgado Júnior e outros, por maior cautela, preferirem até hoje tê-la como não resolvida em termos definitivos⁵³.

Esmeraldo de Situ Orbis

Outra notável contribuição de Epifânio Dias à Crítica Textual é a sua edição do *Esmeraldo de Situ Orbis*, de Duarte Pacheco Pereira (*1465?-†1533?), publicada pela Sociedade de Geografia de Lisboa no ano de 1905. O volume apresenta uma “Introdução” datada de março de 1903, em seguida o texto estabelecido com numerosas notas de rodapé, e na parte final “Correções e Aditamentos”, um “Registo Filológico”, “Índice dos Nomes Próprios Geográficos e de Pessoas” e “Erratas”.

⁵¹ V. *Textos Quinhentistas*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1945, p. 59-60.

⁵² V. *Manual*, ed. cit., p. 20.

⁵³ V. *Écloga de Crisfal*, Texto Fixado, Anotado e Explicado por Antônio José Saraiva. Lisboa, Livraria Popular, s/d, p. 5. / *Crisfal*, Notícia Histórica e Literária e Texto Fixado e Anotado por F. Costa Marques, Coimbra, Atlântida, 1964, p. 20. / *Trovas de Crisfal*, Reprodução Fac-símile da Primeira Edição, Estudo, Variantes e Notas por Guilherme G. de Oliveira Santos. Lisboa, Livraria Portugal, 1965 [capítulo “Quem escreveu o Crisfal”].

Salgado Júnior, no verbete “Falcão, Cristóvão” do *Dicionário de Literatura* dirigido por J. Prado Coelho *et alii*, afirma que “a mais prudente atitude” em relação à autoria “parece ser a de considerar esta égloga devida pura e simplesmente a autor desconhecido” (v. 2º ed. cit., 1969, vol. I, p. 325). José Augusto Cardoso Bernardes também diz do *Crisfal* que “o problema da sua autoria permanece ainda sem solução”, aceitando no entanto a hipótese de “um autor anônimo”, num muito deficiente verbete de *Biblos – Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa* (vol. I, col. 1363-1364, Lisboa, Editorial Verbo, 1995) em que não são sequer mencionados estudos importantes sobre a autoria como o de Raul Soares de Moura e o parecer de Salgado Júnior, e não se indicam ao leitor as melhores fontes para a leitura e conhecimento do texto da égloga, principalmente as edições mais completas de Epifânio, Sousa da Silveira e Guilherme G. de Oliveira Santos.

Na “Introdução”, Epifânio caracteriza com as próprias palavras do autor o livro como obra “de cosmografia e de marinharia”, cujo objetivo era descrever a costa africana a partir do estreito de Gibraltar na direção do sul até a costa meridional da Ásia até a Índia, mas que na realidade ficou inconcluída. Esclarece que a inspiração para se entregar ao trabalho de reeditá-la lhe veio quando preparava a sua edição comentada de *Os Lusíadas*: tendo de recorrer ao texto do *Esmeraldo* como uma das fontes a serem exploradas, reconheceu que “uma edição crítica desta obra estava ainda por fazer”, porque a edição anterior de Rafael Eduardo de Azevedo Basto, publicada em 1892, tinha muitas imperfeições e erros.

O passo inicial de Epifânio foi o da escolha do texto de base: tendo verificado que o manuscrito original havia desaparecido, teve de utilizar os dois apógrafos setecentistas existentes, conservados nas bibliotecas públicas de Évora (o mais antigo) e de Lisboa. Escolheu o apógrafo eborense como o mais confiável, que no estudo comparativo a que procedeu se mostrou com menos “saltos de palavras e de linhas inteiras”, e registrou como matéria para o aparato crítico as diferenças entre o que fixou como texto crítico, adotando normas especiais no tratamento das questões linguísticas e ortográficas, e o que se lê nos dois apógrafos consultados. Não deixou também de explicar que, sendo intento principal o de “pôr à disposição dos investigadores da geografia histórica um texto de confiança”, acrescentou às notas de rodapé elucidações “puramente filológicas”, porque a ciência geográfica não era objeto dos seus estudos especiais.

Leite de Vasconcelos, com a acuidade e a visão integrada dos interesses de muitas ciências que o caracterizava, ressaltou desde logo a relevância do trabalho “para a geografia e etnografia africanas do século XVI”⁵⁴. Anos mais tarde, Luciano Pereira da Silva confirmaria o mesmo juízo⁵⁵.

Joaquim Barradas de Carvalho (Lisboa, *1920-†1980), um dos maiores estudiosos da vida e obra de Duarte Pacheco Pereira, também se valeu com grande interesse da edição de Epifânio, a que fez restrições, como atesta o que se lê em três trabalhos de sua autoria: os livros *As Fontes de Duarte Pacheco Pereira no “Esmeraldo de Situ Orbis”*⁵⁶ e *O Descobrimento do Brasil Através dos Textos (Edições Críticas e Comentadas)*⁵⁷, e o verbete

⁵⁴ Leite de Vasconcelos, op. cit., p. 30.

⁵⁵ V. *Obras Completas*, vol. II, Lisboa, 1945, p. 201.

⁵⁶ São Paulo, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, 1968. Este livro foi reeditado em 1982 em Lisboa pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

⁵⁷ Vol. II, São Paulo, ed. da “Revista de História”, 1971.

sobre o livro no *Dicionário da História de Portugal* publicado sob a direção de Joel Serrão⁵⁸.

A Sociedade de Geografia de Lisboa promoveu em 1975, na comemoração do centenário de sua existência, uma reedição anástática da edição de Epifânio Dias, com uma nota prévia não assinada e traduzida para o francês e para o inglês, em cujo final se diz que a iniciativa teve em mira “pôr à disposição dos investigadores um instrumento de trabalho indispensável aos estudos lingüísticos e náuticos”.

É necessário dizer, para concluir, que hoje existem pelo menos duas outras edições do *Esmeraldo de Situ Orbis* de consulta obrigatória aos estudiosos desta importante obra que Barradas de Carvalho considera não apenas “um roteiro da costa de África”, como tem sido dito de maneira simplificada, mas também “uma espécie de síntese de todo um conjunto de obras anteriores relativas aos descobrimentos marítimos”⁵⁹: 1) “*Esmeraldo de Situ Orbis*” de Duarte Pacheco Pereira, 3ª edição, introdução e anotações históricas de Damião Peres, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1954, em cujas notas estão citadas passagens do texto estabelecido por Epifânio para confronto com o texto “cautelosamente” atualizado por Damião Peres; 2) e a edição do mesmo Barradas de Carvalho, datada de 1992, um alentado volume de quase 900 páginas publicado pela Fundação Calouste Gulbenkian⁶⁰.

Os Lusíadas

Data do ano de 1910 a publicação da primeira edição de “*Os Lusíadas*” de Luís de Camões Comentados por Augusto Epifânio da Silva Dias⁶¹. Imaginada – como assevera Leite de Vasconcelos – “na hora amarga” em que o autor foi julgado no tribunal de Lisboa em 1894-1895⁶², essa edição foi de fato levada a cabo para testemunhar publicamente a gratidão de Epifânio ao advogado Eduardo Alves de Sá⁶³, que o defendera e praticamente o livrara da condenação sem lhe cobrar nada pelo inestimável serviço, como já tivemos ensejo de dizer.

⁵⁸ Vol. II, Porto, Livraria Figueirinhas, 1971, p. 94-99.

⁵⁹ As *Fontes*, ed. cit., p. 19.

⁶⁰ Não conseguimos localizar essa edição de Barradas de Carvalho em bibliotecas públicas ou encontrar algum exemplar à venda nas principais livrarias do Rio de Janeiro, para verificar o que nela se diz sobre a edição de Epifânio Dias.

⁶¹ Porto, Magalhães & Moniz, Limitada (2 tomos).

⁶² Leite de Vasconcelos, op. cit., p. 30.

⁶³ V. dedicatória e explicação prévia, p. V e VII-IX do tomo I.

A obra, que era na verdade um “glorioso monumento levantado a Camões”, segundo o parecer de Leite de Vasconcelos ⁶⁴, tinha as características de fonte imprescindível aos estudos camonianos, sobretudo pelos abundantes comentários com que a enriquecera o sábio linguísta e filólogo e profundo conhecedor da cultura greco-latina e dos textos clássicos portugueses.

Já nessa primeira edição o livro tinha a sua configuração definitiva, compondo-se das seguintes partes: a página inicial de dedicatória “À memória do Dr. Eduardo Alves de Sá”; a explicação da homenagem, datada de 30 de dezembro de 1908; uma longa “Introdução” crítico-filológica; relação de siglas e designações abreviadas e das obras de que o autor mais se serviu; o texto do poema, com abundantes e até bem extensas notas explicativas de pé-de-página; e em seguida a transcrição do alvará régio e do parecer do censor do Santo Ofício que autorizaram a impressão do livro, os argumentos dos dez cantos dos *Lusíadas* em oitavas atribuídas a João Franco Barreto, índice dos nomes próprios, um precioso registo filológico, e por fim aditamentos e correções dos numerosos erros tipográficos que escaparam ao revisor. Ao contrário do que se via comumente, não fez o editor digressões biográficas que elevassem à condição de verdades assentadas as suposições sobre a vida do Poeta, como era costume acontecer.

Na primeira parte da Introdução, tratou Epifânio das características da epopéia camoniana, comparando-a com a *Eneida* de Virgílio, e dos sucessivos momentos da sua elaboração, e ao fazer exaltação do saber poético e da cultura humanística de Camões se opôs aos exageros dos que a ele atribuíam o conhecimento de várias outras ciências. Falando dos limites da intervenção da Inquisição, colocou-os nos termos do parecer do censor Frei Bertolameu Ferreira, e nada mais. Estabeleceu distinção entre os erros tipográficos encontrados na edição princeps e as imperfeições autorais, aqui e ali apontadas sem rodeios, segundo a sua ótica de filólogo acostumado a encarar miudamente os textos em seus aspectos de forma e conteúdo.

Num retrospecto do que já se fizera para mais ampla divulgação da obra camoniana, relacionou e criticou duramente várias edições anteriores e suposições e interpretações de largo curso (desde a famosa a edição dos “piscos” de Manuel de Lira, de 1584, aos estudos mais próximos de José Maria Rodrigues e de Mendes dos Remédios). Fez com o mesmo propósito uma apreciação judiciosa da contribuição de Faria e Sousa, em cuja “leitura pasmosa” guiada por “sincero amor entusiástico do Poeta” via muitos “erros e defeitos”, ressaltando no entanto a imensa contribuição que dera ao entendimento da

⁶⁴ Leite de Vasconcelos, op. cit., p. 31

mensagem poética camonianiana, e que “ninguém melhor compreendeu o sentido do Poeta, não raras vezes difícil de alcançar”. Por estas palavras se vê que cabe a Epifânio Dias o mérito de reconhecer e proclamar o valor de Faria e Sousa, num momento em que a obra do crítico seiscentista sofria absurdas acusações que se prolongariam pelos anos seguintes até reafirmar-se o trabalho de revisão do que fizera com tanta devoção⁶⁵.

Para estabelecer o texto crítico, tomou Epifânio as duas edições do poema datadas de 1572: a que tem nos desenhos do frontispício ao alto a figura de um pelicano com o bico voltado para a esquerda do observador e a que tem no frontispício o pelicano com o bico voltado para a direita. Valendo-se inclusive dos dados do estudo comparativo empreendido por Tito de Noronha em 1880 na obra *A Primeira Edição d'Os Lusíadas*, considerou provada a “prioridade” da primeira em relação à segunda das referidas edições, e denominou-as *A* e *B* respectivamente. Para chegar a tal conclusão, analisou detidamente as principais diferenças entre ambas, como por exemplo no canto I, estrofe 7 “infidas gentes” (*A*) / “fingidas gentes” (*B*); e em VIII, 32: “Português Cipião” (*A*) / “Português Capitão” (*B*).

São características da edição de Epifânio, por ele mencionadas: reproduziu o editor o texto de *A* com as emendas de erros ou supostos erros tipográficos; registrou em notas de rodapé todas as diferenças entre o texto crítico e o das edições de 1572; procurou “dar alguma coerência à ortografia”, preferindo, em regra, as grafias mais usuais (naquele momento pouco anterior à reforma ortográfica de 1911); conservou os nomes próprios de origem grega com a grafia etimológica e o *h* inicial em palavras como *huma*, *he*, *hir*, mesmo não

⁶⁵ Nas últimas décadas já se tem procedido a uma releitura cuidadosa do que escreveu Manuel Faria e Sousa (*1590-†1649), e à revisão do julgamento sobre a sua contribuição: haja vista o que dizem Jorge de Sena nas páginas 593-599 do livro *Estudos de História e de Cultura*, 1ª série, vol. I, Lisboa, Ocidente, 1967, e Carlos Eduardo de Soveral no verbete respectivo do *Dicionário de Literatura*, direção de Jacinto do Prado Coelho *et alii*, vol. II – N-Z, 1969, p. 1052-1053. Essa releitura do editor e crítico seiscentista ficou extremamente facilitada pela publicação dos “*Lusíadas*” de Luis de Camões Comentadas por Manuel de Faria e Sousa (fac-símile da edição de 1639, em 2 volumes, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1972, com uma “Introdução” de Jorge de Sena) e das *Rimas Várias de Luís de Camões Comentadas por Manuel de Faria e Sousa* (fac-símile da edição de 1685, em 2 volumes, com nota introdutória de F. Rebelo Gonçalves e prefácio de Jorge de Sena, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1972). Afirma a ilustre Professora Maria Vitalina Leal de Matos, autora de valiosas contribuições aos estudos camonianos, na nota 6 do artigo “O Mais Importante Problema Textológico da Literatura Portuguesa” [o da lírica de Camões], publicado na revista *Românica*, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (ano de 1995, p. 21): “Está hoje a refazer-se o ‘processo Faria e Sousa’ que começou a ser reabilitado por Jorge de Sena”. Com os dados apresentados acima, comprova-se, no entanto, que bem antes de Jorge de Sena já o nosso Epifânio Dias, não citado como um dos grandes camonianistas que passaram como aluno e como professor pelo Curso Superior de Letras de Lisboa, onde organizou a sua edição de *Os Lusíadas*, tinha plena consciência do que valiam os estudos camonianos de Faria e Sousa.

justificado pelo étimo; sendo “irregular e defeituosa” a pontuação do texto de base, pontuou “convenientemente” o seu texto, sem fazer registro dessas alterações nas notas de rodapé.

Organizado no final da vida de Epifânio, quando mais o atormentavam os problemas da doença que inclusive a certa altura o impedia de escrever, é natural que o livro apresentasse falhas, imperfeições, erros de revisão. Os critérios do estabelecimento do texto crítico do poema e as interpretações propostas por Epifânio, principalmente as referentes às passagens obscuras ou duvidosas, eram questões a serem discutidas pela crítica filológica, que não demorou a se pronunciar.

O principal crítico da edição de Epifânio foi o insigne camonista José Maria Rodrigues (*1857-†1942), que a ela fez fundadas e infundadas restrições⁶⁶. José Maria Rodrigues publicou os seus reparos em artigos na *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. II-IV, depois reunidos numa separata datada de 1915, com o título *Algumas Observações a Uma Edição Comentada dos Lusíadas*⁶⁷. A respeito dessa crítica de José Maria Rodrigues, depõe Leite de Vasconcelos: “O Sr. Epifânio já estava muito doente, e sem poder ler, quando se publicou este livro, o conhecimento do qual eu lhe ocultei, para o não afligir inutilmente, visto que a doença o impedia de qualquer trabalho mental intenso; mas outra pessoa lhe falou dele, e o Sr. Epifânio creio que ainda chegou a aproveitar na projetada 2ª edição d’*Os Lusíadas* algumas das *Observações*, embora, se as lesse por inteiro, talvez, como me parece, não concordasse com todas, apesar de muito eruditas”⁶⁸.

Tendo consciência das imperfeições do trabalho, e diante das críticas que lhe fizeram, Epifânio preparou uma segunda edição melhorada, que seria publicada também em dois tomos, datados de 1916 e 1918. Pelas datas se vê que apenas o primeiro o alcançou em vida, e que o segundo só sairia postumamente.⁶⁹

Na terceira edição desta obra fundamental, que organizamos para as comemorações brasileiras do quarto centenário do poema camoniano, no ano de 1972⁷⁰, ficou comprovado, através de um “Estudo comparativo” entre a

⁶⁶ José Maria Rodrigues foi Catedrático da Universidade de Lisboa, e também o primeiro professor da Cadeira de Estudos Camonianos aí criada em 1924 por iniciativa de Afrânio Peixoto.

⁶⁷ Coimbra, Imprensa da Universidade, 1915, 122 p.

⁶⁸ Op. cit., p. 57-58.

⁶⁹ Impressos no Porto, pela Companhia Portuguesa Editora.

⁷⁰ “*Os Lusíadas*” de Luís de Camões Comentados por Augusto Epifânio da Silva Dias. 3ª edição. Reprodução fac-similada da 2ª edição (em 2 tomos - 1916/1918). Estudo prévio de Maximiano de Carvalho e Silva. Rio de Janeiro, MEC - Departamento de Assuntos Culturais, 1972.

primeira e a Segunda edição, feito por Marlene Gomes Mendes ⁷¹, que Epifânio Dias ao reeditar o livro introduziu nele muitas modificações, levando em conta críticas de José Maria Rodrigues ou mesmo outros estudos que ele próprio realizou ⁷². A nota de nossa autoria que antecede o mencionado “Estudo comparativo” esclarece que a comparação, feita com a principal finalidade de demonstrar que Epifânio manteve até o fim da vida aquele desejo de se aprimorar e de corrigir os seus trabalhos, por uma imposição de probidade intelectual, responde ainda à suposição que Leite de Vasconcelos exprimiu com as seguintes palavras: “creio que ainda chegou a aproveitar na projetada 2ª edição d’ *Os Lusíadas* algumas das *Observações*” [de José Maria Rodrigues] ⁷³.

Com o tempo, a edição de “*Os Lusíadas*” de Luís de Camões Comentados por Augusto Epifânio da Silva Dias se tornou referência constante nos estudos camonianos, como provam registros numerosos. Para não nos alongarmos em citações, mencionem-se apenas os seguintes nomes, entre os que se valeram principalmente das notas e comentários de Epifânio: em Portugal, além de Leite de Vasconcelos, Rebelo Gonçalves e José Maria Rodrigues, já citados, Carlos Eugênio Correia da Silva, Hernâni Cidade, Álvaro Júlio da Costa Pimpão, Salgado Júnior, Herculano de Carvalho, Américo da Costa Ramalho, José V. de Pina Martins, Vitorino Nemésio, Emanuel Paulo Ramos ⁷⁴; no Brasil, Afrânio Peixoto, Sousa da Silveira, Mário Barreto, Serafim da Silva Neto, Augusto Meyer, Sílvio Elia, Gladstone Chaves de Melo, Evanildo Bechara,

⁷¹ No volume aparece o nome anterior da autora do estudo comparativo, que era Marlene Mendes Veloso, hoje professora de Crítica Textual no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense e Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo.

⁷² De março de 1923 a março de 1925 José Maria Rodrigues publicou em números seguidos da *Revista de Língua Portuguesa* dirigida por Laudelino Freire, Rio de Janeiro, os seus *Estudos Sobre Os Lusíadas ... Anotações à 2ª Edição do Prof. Epifânio Dias* - n.º 22 (p. 69-101), 24 (p. 13-45), 25 (p. 15-54), 26 (p. 11-48), 27 (p. 45-70), 28 (p. 17-42), 29 (p. 11-43), 31 (p. 103-134), 33 (p. 65-84) e 34 (p. 35-60). Numa tese com o título *Estudos Sobre “Os Lusíadas” de José Maria Rodrigues*, datada de 1980, Evanildo Bechara fez análise detida das críticas de José Maria Rodrigues à edição de Epifânio.

⁷³ Op. cit., p. 57-58.

⁷⁴ Já citamos muitas referências importantes de autores portugueses à edição d’ *Os Lusíadas*, “autêntica obra-prima que Epifânio pôs ao serviço do ensino pátrio” (Rebelo Gonçalves, op. cit., p. 335). O “erudito comentador do Poema” – como bem o definiu Álvaro Júlio da Costa Pimpão (in *Rimas de Luís de Camões*, Coimbra, 1961, p. 8) – inspirou comovidas devoções, como a de Carlos Eugênio Correia da Silva (*1904-†1931), que lhe dedicou com as seguintes palavras o seu *Ensaio Sobre os Latinismos dos “Lusíadas”*, prefácio de José Maria Rodrigues, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931, p. IX: “À memória de Augusto Epifânio da Silva Dias – Professor que foi da Faculdade de Letras de Lisboa, espírito singularmente arguto e equilibrado, que tão bem soube harmonizar as modernas preocupações filológicas com a antiga cultura humanista, e cuja edição dos *Lusíadas* foi o ponto de partida desta dissertação”. Leite de Vasconcelos, op. cit., p. 56-57, menciona os trabalhos que até 1922 foram publicados com idêntica homenagem a Epifânio.

Celso Cunha, Matoso Câmara Júnior, entre tantos mais⁷⁵. Também em outros países há repercussões que se devem assinalar⁷⁶.

Todavia, anos após a publicação da segunda edição da obra (1916-1918), até o aparecimento da terceira edição em 1972, ficaram muitos pesquisadores privados de tê-la em sua biblioteca particular, pois se convertera em raridade bibliográfica. Na relação exaustiva das edições integrais e parciais que constitui parte do magnífico catálogo camoniano publicado em Lisboa no ano de 1972 por iniciativa da Comissão portuguesa encarregada de promover as comemorações do quarto centenário do poema⁷⁷, refere-se o organizador do mesmo José V. de Pina Martins, ao fazer o registro das edições de 1910 e de 1916-1918, “à seriedade, à inteligência crítica e ao vasto saber de Epifânio”, e diz particularmente em relação à segunda edição: “Pelo rigor da lição textual, pela erudição, exatidão crítica e gosto estético das notas, e ainda pelo valor da introdução e utilidade do glossário e dos índices, é esta a melhor edição moderna do poema, que pensamos ser urgente reimprimir”⁷⁸.

A observação final de Pina Martins sobre a necessidade de se reeditar o livro, por curiosa coincidência, foi feita no exato momento em que, de acordo com o plano aprovado pela Comissão brasileira incumbida de celebrar a data camoniana, se imprimia no Rio de Janeiro a terceira edição, com o estudo

⁷⁵ No vol. I dos *Estudos Camonianos* de autores brasileiros já falecidos que organizamos para a Comissão Especial brasileira do IV centenário de *Os Lusíadas* (Rio de Janeiro, MEC - Departamento de Assuntos Culturais, 1974), citam-no com grande frequência: Afrânio Peixoto – que o chama “sábio camonista”; Augusto Meyer – para quem os comentários d’ *Os Lusíadas* “são monumentos de erudição e saber filológico”; Sousa da Silveira – que o reconhece como “douto” e “sagaz”; Mário Barreto – que o considerava “grande e inolvidável”. Da presença de Epifânio nos dias atuais são atestados muitas outras referências a ele por parte dos que se consagram mais miudamente a estudos camonianos no Brasil.

⁷⁶ Algumas referências de autores estrangeiros: Aubrey Bell, *Luis de Camoens*, Oxford, 1923 [há tradução portuguesa de Antônio Álvaro Dória com a nota de “revista pelo Autor”, Porto, 1936]; Georges Le Gentil, *Camoens*, Introduction, Traduction et Notes. Paris [1924]; Roger Bismut, “*Les Lusíades*” de *Luis de Camões*, tradução e notas, Lisboa, 1954. O “Centre Culturel Portugais” de Paris, sob o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian, publicou o catálogo *Quatrième Centenaire de “Os Lusíadas” de Camões, 1572/1972* (Exposition Bibliographique et Iconographique), Paris, 1972, 215 p., em que está registrada a edição crítica de Epifânio.

⁷⁷ “*Os Lusíadas*”, 1572-1972 - *Catálogo da Exposição Bibliográfica, Iconográfica e Medalhística de Camões*. Prefácio de Manuel Lopes de Almeida. Introdução, Seleção e Notas de José V. de Pina Martins. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1972. [Este catálogo é eloqüente prova da devoção camoniana do seu organizador, José Vitorino de Pina Martins, autor de importantes estudos camonianos, de obras fundamentais como *Humanismo e Erasmismo na Cultura Portuguesa do Século XVI* (Paris, Centro Cultural Português, 1973), *Cultura Portuguesa* (Lisboa, Editorial Verbo, 1974) e muitas outras, e incentivador de investigações de alto nível sobre a vida e obra de Camões, como os enfeitados no volume XVI dos *Arquivos do Centro Cultural Português* (Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1981, 857 p.).]

⁷⁸ V. *Catálogo* cit. na nota anterior, p. 19 e 20.

prévio a que demos o título de “Epifânio Dias e a Sua Edição de *Os Lusíadas*” e a reprodução fac-similada da referida segunda edição.

Queremos acrescentar às notas consagradoras do valor da obra “*Os Lusíadas*” de Luís de Camões Comentados por Augusto Epifânio da Silva Dias, três significativos pronunciamentos sobre a relevância da iniciativa de reeditá-la em 1972: os de Hernâni Cidade⁷⁹, Herculano de Carvalho⁸⁰ e Américo da Costa Ramalho⁸¹. Os dois primeiros falaram do seu pleno apoio e aplauso a essa iniciativa ao serem entrevistados a 14 e 15 de agosto de 1972 em sessões públicas promovidas pela direção do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, confirmando a idéia que tínhamos de que correspondia ao interesse comum de Portugal e do Brasil. Américo da Costa Ramalho, no prefácio que escreveu para a segunda edição do livro *Fontes d’“Os Lusíadas”*, de José Maria Rodrigues⁸², aponta Epifânio Dias como “o mais erudito e sábio comentador de *Os Lusíadas*, de quantos existiram”, e acrescenta em nota de rodapé que a terceira edição de Epifânio, com “bem documentado estudo prévio”, constituiu “uma das mais valiosas iniciativas” da Comissão brasileira designada pelo Ministro da Educação e Cultura para o fim de preparar e organizar no Brasil as comemorações do IV centenário da publicação do poema.

Diante de tais afirmativas, é preciso todavia lembrar que no nosso estudo prévio de 1972, tivemos o cuidado de advertir os leitores não ser propósito nosso o de apresentar a obra de Epifânio como uma “edição crítica perfeita e acabada”. Afirmamos então: “obra de consulta indispensável, sem dúvida [...] mas, por outro lado, elaborada à luz dos conhecimentos e dos critérios que então vigoravam, as suas soluções de problemas de texto e os seus comentários hão de ler-se com espírito crítico, não se pondo de lado nem as grandes contribuições anteriores – como por exemplo as de Faria e Sousa, nem as do tempo de Epifânio – como as críticas de José Maria Rodrigues, e muito menos – é evidente – todo o trabalho minucioso de fixação dos textos e de revisão da

⁷⁹ Hernâni Cidade (*1887-†1975) é autor de numerosos trabalhos e edições camonianas, em que se destaca a trilogia: *Luís de Camões * O Lírico; Luís de Camões ** O Épico; e Luís de Camões *** Os Autos e o Teatro do Seu Tempo, As Cartas e Seu Conteúdo Biográfico*.

⁸⁰ José Gonçalo Herculano de Carvalho (*1924) é autor de *Sobre o Texto da Lírica Camoniana* (1949) e de *O Lugar de “Os Lusíadas” na Renovação da Língua Portuguesa*.

⁸¹ São de autoria de Américo da Costa Ramalho valiosos ensaios de exegese camoniana e as seguintes obras de fundamental importância: *Para a História do Humanismo em Portugal - I* (Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade, 1988), *Estudos Sobre o Século XVI* (2ª ed., Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982), *Estudos Sobre a Época do Renascimento* (2ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1997).

⁸² Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1979.

exegese camoniana que hoje se efetiva, no mundo de língua portuguesa e em vários centros culturais de outras nações”⁸³.

Na verdade, Epifânio representa um momento da Crítica Textual em que o editor crítico se julgava no dever e no direito de proceder à “emendatio” com uma liberdade hoje inadmissível. Um filólogo dos nossos dias, por estas e outras razões, perceberá portanto no critério da escolha do texto de base por ele adotado vários pontos que teriam de ser reexaminados à luz das exigências atuais: por um lado, a sua certeza de ser o texto do exemplar da edição *A* consultado o que deveria tomar como “prioritário”, e por outro lado a liberdade com que dele se afastou em várias passagens para modificar formas lexicais, construções sintáticas, supostos erros ou imperfeições textuais⁸⁴; a alteração descabida ou a introdução excessiva de certos sinais de pontuação (como fica bem patente no “Episódio do Velho do Restelo”); a fixação do texto crítico na ortografia usual, anterior à da reforma de 1911, com a preocupação de conservar grafias não justificadas etimologicamente (como *he*, *huma*, *hir* etc.); na reedição de 1916-1918, apesar de já estar em vigor a reforma ortográfica tomada oficial pelo decreto de 1911, a manutenção da ortografia antiga (o que terá sido feito com o objetivo de se reimprimir o livro com mais facilidade, aproveitando-se a composição anterior). Estas restrições e críticas ao que ele fez não desmerecem contudo o grande esforço para restituir o texto da epopeia à versão original, livrando-o dos grosseiros erros e deturpações de edições anteriores apontados pela crítica filológica⁸⁵.

⁸³ Para que se tenha idéia do enorme progresso dos estudos camonianos, v. por exemplo, além das publicações autônomas e dos artigos em revistas especializadas, as comunicações apresentadas aos encontros de camonistas realizados em Portugal e no Brasil a partir do ano de 1972.

⁸⁴ No verbete do ilustre Professor Telmo Verdelho sobre Epifânio Dias da enciclopédia *Biblos*, citado no item 4 deste trabalho, se diz com razão que o grande filólogo deixou “uma obra de mérito excepcional no domínio dos estudos clássicos e da lingüística e da filologia portuguesas”. Depois de relacionar as edições críticas de Epifânio, classifica-as Telmo Verdelho como “trabalhos modelares de acribia e de erudição sobretudo no respeitante à *emendatio* e ao comentário interpretativo”. Todavia, a edição de *Os Lusíadas* de Epifânio não pode ser tomada como “modelar” quanto à *emendatio*, pelo fato já mencionado de no texto crítico terem sido introduzidas modificações, injustificáveis segundo o critério de fidelidade à vontade autoral e de preservação integral das características de um texto que orienta nos nossos dias a boa preparação de uma edição crítica.

⁸⁵ Haja vista o que diz Leite de Vasconcelos no opúsculo *O Texto dos “Lusíadas” Segundo as Idéias do Sr. Francisco Gomes de Amorim – Esboço de Crítica Filológica* (Porto, Livraria Portuense, 1890). É quase inacreditável que neste final do século XX ainda continuem a ser publicadas em Portugal edições do poema com as mesmas características de na apresentação trazerem excessivos dados biográficos (muitos deles apenas meras conjecturas) e em seguida o texto de *Os Lusíadas* absurdamente alterado, com a substituição de formas do português quinhentista por formas atuais, certamente sob o mesmo pretexto de favorecer a leitura dos iniciantes. Veja-se por exemplo a que foi relançada em 1994 pela editora Ulisséia (que suponho ter sede em Lisboa), como volume 28 de uma coleção intitulada “Biblioteca Ulisséias de Autores Portugueses”, com introdução de Silvério Augusto Benedito e notas de António Leitão.

Como já dissemos, e repetimos para concluir, o que há de mais importante na edição de “*Os Lusíadas*” de Luís de Camões Comentados por Augusto Epifânio da Silva Dias é a sua introdução e os seus comentários filológicos, cuja leitura deveria ser feita ainda hoje pelos professores universitários de língua portuguesa e de literatura portuguesa principalmente, pois os ajudaria a melhor compreender a epopéia camoniana, a enriquecer-se com a soma de conhecimentos utilizados na sua elaboração (relativos à História de Portugal no período das grandes navegações, à Mitologia, às características do português quinhentista e à literatura da época da Renascença, entre outros mais), e assim os faria aptos a não repetir informações e interpretações que não resistem a uma análise mais acurada.

3 - CONCLUSÃO

A quem esteja familiarizado com a bibliografia lingüística e filológica em língua portuguesa, são patentes os sinais da repercussão que alcançaram, em Portugal e no Brasil notadamente, os estudos e pesquisas de Epifânio Dias.

É bem verdade que autores e obras que deveriam citá-lo com mais freqüência nos surpreendem por vezes com a quase completa, senão total omissão do seu nome, ou com escassas e insignificantes referências a algumas das suas contribuições fundamentais. É o que acontece, por exemplo, com os ensaios de Jorge de Sena, um dos maiores camonistas contemporâneos⁸⁶.

No *Dicionário de Literatura* dirigido por Jacinto do Prado Coelho, Antônio Soares Amora e Ernesto Guerra da Cal, com a maior justiça e propriedade, fizeram-se verbetes especiais para Francisco Adolfo Coelho, Leite de Vasconcelos, Carolina Michaëlis; mas apenas merecem referências, às vezes incompletas e inexpressivas, filólogos como Epifânio Dias, José Maria Rodrigues, Sousa da Silveira, Serafim da Silva Neto e outros a quem afinal de contas tanto ficou devendo a ciência da Literatura, com a crítica textual que exerceram, ajudando a valorizar devidamente tantos escritores portugueses e brasileiros e tantos textos literários de suma importância.

A várias causas se pode atribuir o fato: e, se freqüentes vezes não se percebe na omissão nenhuma nota de despreço ao filólogo, por outro lado há casos em que se identifica a atitude de alguns ilustres tratadistas de depreciar – pelas falhas que apresentam – os trabalhos pioneiros, esquecidos de que constituem eles a base sobre a qual se assentam os alicerces de toda a atividade crítica revisionista atual.

⁸⁶ No “Índice Geral” dos dois volumes das Obras de Jorge de Sena com o título *Trinta Anos de Camões* (Lisboa, Edições 70, 1980) não está arrolado uma única vez o nome de Epifânio, embora este jam citados inúmeros outros editores do poema. Um mistério!

Indispensável, pois, é que se trate da reedição das obras de Epifânio Dias, mormente dos dispersos e dos inéditos de maior valor. Cuidar de tal tipo de publicações é dever que já se cumpre em relação a Leite de Vasconcelos, Carolina Michaëlis e alguns outros, mas ainda modestamente. Urge, portanto, promover e incentivar iniciativas semelhantes, que o nosso passado cultural justifica plenamente.

O ensaio biobibliográfico e os outros dados informativos que compõem o presente relato não esgotam o interesse por novos estudos e pesquisas sobre os temas e as questões científicas e pedagógicas abordadas, pois há ainda muitos aspectos da atividade de Epifânio Dias que precisam ser objeto de análises mais extensas, detidas e profundas. Cremos que um estudo comparativo que confronte os trabalhos do grande conhecedor da Cultura Clássica, da Linguística Portuguesa e da Crítica Textual com outros do seu tempo é do maior interesse para a história da cultura em Portugal e da sua repercussão em outros países, como matéria para um livro autônomo ou para uma tese de doutoramento, a exemplo de outras que já têm sido apresentadas para atender [...] exigências dos cursos de pós-graduação.

4 - FONTES PARA O ESTUDO DA VIDA E OBRA DE EPIFÂNIO DIAS

VISÃO GERAL BIOBIBLIOGRÁFICA

José Leite de Vasconcelos. *Epifânio Dias: Sua Vida e Labor Científico* - "Oratio de Sapientia" Pronunciada na Sessão de Abertura Solene da Universidade de Lisboa em 10 de Dezembro de 1921. Lisboa, Imprensa Nacional, 1922. 73 p.

Este valiosíssimo depoimento pessoal e estudo da vida e obra de Epifânio Dias compreende: retrato e fac-símile da assinatura do homenageado; o texto da "Oratio de Sapientia" seguido de numerosas notas explicativas; e como apêndices: "I/ Retratos do Sr. Epifânio, Sinais Físicos, e Autógrafos"; "II/ Uma Carta do Sr. Epifânio"; "III/ Homenagens e Críticas" (relação de obras que foram dedicadas a ele e de artigos e outros escritos a respeito de seus livros, publicação do retrato, mensagem dos alunos do Curso Superior de Letras, notícia na imprensa do seu falecimento e funeral); "IV/ Artigo do Dr. Francesco d'Ovidio" (sobre as edições de Phaedrus e Eutropius preparadas por Epifânio); "V/ Carta que o Dr. Carlos Simões Ventura [...] Escreveu ao Autor"; "VI/ Índicúlo Cronológico dos Escritos do Sr. Epifânio"; Índice.

Francisco Rebelo Gonçalves. "Epifânio Dias, Professor e Filólogo", in *Filologia e Literatura*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1937, p. 311-336.

Publicado antes na *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, t. I, n.º 1, 1934, p. 1-23. O autor, professor da Universidade de Lisboa e professor visitante da Universidade de São Paulo, se estende em comentários a respeito de três aspectos das atividades científicas de Epifânio: o latinista, o helenista e o cultor de línguas modernas (gernânicas e românicas).

Maximiano de Carvalho e Silva. "Epifânio Dias e a Sua Edição de 'Os Lusíadas'", in *"Os Lusíadas" de Luís de Camões Comentados por Augusto Epifânio da Silva Dias*. 3ª edição. Reprodução Fac-similada da 2ª Edição (em 2 tomos - 1916/1918). Rio de Janeiro, MEC - Departamento de Assuntos Culturais, 1972, p. 9-28 (não numeradas).

A matéria deste estudo prévio, com as adaptações necessárias, correções e numerosos acréscimos, está incorporada ao presente artigo sobre a vida e obra de Epifânio, excetuadas as explicações mais extensas relativas à criação e às atividades da Comissão brasileira do IV centenário de *Os Lusíadas* e às razões que a levaram a promover a reedição da edição crítica de Epifânio Dias como homenagem especial aos grandes camonistas portugueses do passado.

RESUMO BIOBIBLIOGRÁFICO

- Urbano Canuto Soares.** “Necrologia – Epifânio Dias”, in *Revista Lusitana*, de Leite de Vasconcelos, vol. XIX, 1916, nºs 1-2, p. 340-342.
- Henrique Perdigão.** *Dicionário Universal de Literatura (Biobibliografia e Cronologia)*. 2ª edição. Porto, Edições Lopes da Silva, 1940 [verbete “Epifânio (Augusto Epifânio da Silva Dias, geralmente conhecido por)”, p. 379].
- José G. Herculano de Carvalho.** “Dias, Epifânio”, in *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 6, Lisboa, 1967, col. 1290-1291.
- Carlos Simões Ventura.** “Carta” [a José Leite de Vasconcelos], in *Epifânio Dias: Sua Vida e Labor Científico*, ed. cit., p. 62-65.
- Evanildo Bechara.** “Sesquicentenário de um Grande Mestre” [Epifânio Dias], in *Confluência - Revista do Instituto de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Liceu Literário Português, nº 2, 1991, p. 8-10.
- Telmo Verdelho.** “Dias (Augusto Epifânio da Silva)”, in *Biblos - Enciclopédia VERBO das Literaturas de Língua Portuguesa*, vol. 2, Lisboa, Editorial Verbo, 1997, p. 118-119.

OUTROS ESTUDOS BIBLIOGRÁFICOS

- Dicionário Bibliográfico Português* – Estudos de Inocêncio Francisco da Silva Aplicáveis a Portugal e ao Brasil, Continuados e Ampliados por P. V. Brito Aranha. Tomo 20º: V - A. Lisboa, Imprensa Nacional, 1911 [verbete sobre Augusto Epifânio da Silva Dias nas páginas 282-283]. / *Dicionário Bibliográfico Português* – Estudos de Inocêncio Francisco da Silva Aplicáveis a Portugal e ao Brasil, Continuados e Ampliados por P. V. Brito Aranha, Revistos por Gomes de Brito e Álvaro Neves. Tomo 22º: A. Lisboa, Imprensa Nacional, 1923 [verbete complementar sobre Epifânio nas páginas 465 - 466].
- José Pereira Tavares.** “Epifânio Dias e Júlio Moreira, Editores e Comentadores de Textos Latinos”, in *Humanitas*, vol. II, Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos da Universidade, 1948-1949, p. 361-390.
- R. M. Rosado Fernandes.** “Achegas Para a Bibliografia de Antônio José Viale, Epifânio Dias, José Maria Rodrigues e José Joaquim Nunes”, in *Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*, III série, nº 8, Lisboa, 1964, p. 179-206.

AVALIAÇÃO CRÍTICA DA SUA OBRA

Aspectos gerais

- Mendes dos Remédios.** “A Filologia Portuguesa – Seus Atuais e Maiores Representantes”, in *Revista de Língua Portuguesa* de Laudelino Freire, nº 19, setembro de 1922, p. 107-121.

F. Costa Marques. “Humanistas Portugueses Contemporâneos”, in *Humanitas*, vol. I, Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos da Universidade, 1947, p. 151-161.

Serafim da Silva Neto. *Manual de Filologia Portuguesa*, 2ª ed. melhorada e aumentada, Rio de Janeiro, Acadêmica, 1957, p. 18-22.

Aspectos especiais

Francesco d’Ovidio. Artigo sobre as edições de Phaedrus e Eutropius preparadas por Epifânio Dias, in *La Cultura*, ano III, vol. V, 1884, p. 492-493.

Texto em italiano transcrito por Leite de Vasconcelos em *Epifânio Dias: Sua Vida e Labor Científico*, ed. cit., p. 59-61.

Martins Contreiras. *Análise das Teorias Gramaticais do Sr. A. Epifânio da Silva Dias*. Lisboa, 1885.

Publicada num folheto, segundo indicação de Leite de Vasconcelos, op. cit., p. 58, sem outros esclarecimentos.

Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Nota sobre a edição de Epifânio das *Obras de Cristóvão Falcão*, na revista *Litteraturblatt für germanische und romanische Philologie*, nº 8, agosto de 1894, col. 267-277.

Informação de Leite de Vasconcelos, op. cit., p. 57, que acrescenta: “Num exemplar que possuo das *Obras* pôs o Sr. Epifânio algumas notas manuscritas de acordo com algumas idéias da Srª D. Carolina”.

Teófilo Braga. Crítica à edição de Epifânio Dias das *Obras de Cristóvão Falcão* e à matéria do artigo “Fragmentos de um Cancioneiro do Século XVI” (publicado na *Revista Lusitana*, IV, 1896, p. 142-179), in *Bernardim Ribeiro e o Bucolismo*, Porto, Livraria Chardron, 1897, p. 397-424.

Júlio Brandão. Artigo no *Diário Popular* de Lisboa, de 23/11/1911, sobre a edição de “*Os Lusíadas*” de Epifânio Dias.

Informação de Leite de Vasconcelos, *ibid.*, que acrescenta: “artigo reproduzido na *Revista Lusitana*, XIV, 306-308”.

José Maria Rodrigues. *Algumas Observações a Uma Edição Comentada dos “Lusíadas”*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1915, 122 p.

Reunião de artigos publicados na *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. II-IV.

Idem. “Estudos Sobre *Os Lusíadas* [...] Anotações à 2ª Edição do Prof. Epifânio Dias”, in *Revista de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, nºs 22 - março de 1923 (p. 69-101), 24 (p. 13-45), 25 (p. 15-54), 26 (p. 11-48), 27 (p. 45-70), 28 (p. 17-42), 29 (p. 11-43), 31 (p. 103-134), 33 (p. 65-84) e 34 - março de 1925 (p. 35-60).

Augusto C. Pires de Lima. “*Sintaxe Histórica Portuguesa* por Augusto Epifânio da Silva Dias”, in *Revista Lusitana*, vol. XXI, Lisboa, Livraria Clássica Teixeira, 1918, p. 204-208.

Rodrigo de Sá Nogueira. “Declaração Relativa à 2ª Edição” [da *Sintaxe Histórica Portuguesa*, de Epifânio Dias, Lisboa, 1933], p. 341.

Esclarece Sá Nogueira que o texto vem “inalterado” e que com o intuito de facilitar a consulta da obra, organizou para ela um “índice analítico”.

Nicolau Firmino. “Ao Leitor”, in *Gramática Latina – Traduzida e Reduzida a Epítome* por Augusto Epifânio da Silva Dias e Acomodada aos Programas Modernos, Lisboa, Livraria Avelar Machado, 1942, p. 1-8.

Evanildo Bechara. “As Fases Lingüísticas do Português na *Sintaxe Histórica* de A. E. da Silva Dias”, in *Primeiros Ensaios Sobre Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Livraria São José, 1954, p. 129-146.

Idem. “Epifânio Dias e Eça de Queirós”, separata da revista *Nós*, jan-dez 1989, n. 13 a 18, p. 140-147.

Idem. *Os Estudos Sobre “Os Lusíadas” de José Maria Rodrigues*. Rio de Janeiro, 1980. (5)+135 p.

Tese policopiada, para um concurso que não se realizou, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em que o autor faz minuciosas observações e comentários sobre as críticas de José Maria Rodrigues à edição de Epifânio.

Idem. “A Tradição Gramatical Luso-Brasileira”, in *Confluência*, Rio de Janeiro, Liceu Literário Português, n° 10, 1995, p. 67-76.

Nas p. 71-73, há comentários sobre a atuação de Epifânio Dias nos campos da Filologia Clássica, nos Estudos Latinos, na Crítica Textual e como autor da *Sintaxe Histórica Portuguesa*.

REFERÊNCIAS

Correspondência de Capistrano de Abreu, edição organizada e prefaciada por José Honório Rodrigues (Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1954: v. vol. I - p, 314; II - p. 85, 122, 131, 157, 245).

Capistrano de Abreu, o grande renovador dos estudos históricos no Brasil, tinha em particular estima e apreço o lingüista Manuel Said Ali, e, também interessado em estudos lingüísticos e filológicos, foi atento leitor das obras de Epifânio Dias, como provam as referências em sua *Correspondência* editada em 1954 pelo INL. As mais expressivas dessas referências são as seguintes: em carta a João Lúcio de Azevedo, de 8/3/1918 (vol. II, p. 85) - “Li por acaso que Epifânio Dias morreu e deixou impressa a *Sintaxe Histórica*. Já a procurei pelas livrarias”; em carta a Afonso Taunay, de 25/7/1920: - “Esta semana Said Ali deve entregar a Weiszflog a primeira parte da *Gramática Histórica*. [...] O livro de Epifânio é o que os alemães chamam *bahnbracher*. Infelizmente o autor morreu apenas entregou o manuscrito ao prelo, e a *Sintaxe* veio à luz com todas as imperfeições dos livros póstumos” (vol. I, p. 324).

Gladstone Chaves de Melo. *Iniciação à Filologia e à Lingüística Portuguesa*, 6ª edição, revista e melhorada, Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1981, p. 28, 31, 32, 125, 129, 131, 135, 169, 188.

Depois de apontar Epifânio Dias entre os grandes mestres da Filologia e da Lingüística Portuguesa (p. 28), o autor recomenda a leitura das suas obras principais destinadas ao ensino da língua.

5 - ORGANIZAÇÃO DAS OBRAS COMPLETAS DE EPIFÂNIO DIAS

A bibliografia de Epifânio Dias é ainda um trabalho a ser completado, tendo em vista uma possível publicação integral dos escritos que nos legou, com a inclusão dos livros editados e dos dispersos e inéditos bastante numerosos.

Como se vê no “Índice Cronológico” que Leite de Vasconcelos anexou ao seu estudo biobibliográfico já tantas vezes citado (p. 66-69), as indicações aí reunidas numa primeira tentativa de levantamento dos escritos de Epifânio são freqüentes vezes lacunosas ou informações a serem confirmadas por

outras pesquisas que nos levariam bem longe, para verificar inclusive onde hoje se conservam os manuscritos inéditos referidos por Leite de Vasconcelos. Há indicações de que no próprio espólio de Leite de Vasconcelos se guardam manuscritos de Epifânio merecedores de atenção.

Dois outros levantamentos bibliográficos retomaram o de Leite de Vasconcelos: em 1948, o de José Pereira Tavares no artigo “Epifânio Dias e Júlio Moreira, Editores e Comentadores de Textos Latinos”, e em 1964 o de R. M. Rosado Fernandes em suas “Achegas Para a Bibliografia de Antônio José Viale, Epifânio Dias, José Maria Rodrigues e José Joaquim Nunes”, acima incluídos na relação das “Fontes Para o Estudo da Vida e Obra de Epifânio Dias”. Rosado Fernandes afirma no início do seu levantamento em ordem cronológica: “Só tomamos em consideração as obras impressas publicadas pelo autor, pois nada nos foi possível averiguar quanto aos inéditos de que fala Leite de Vasconcelos”.

No presente ensaio biobibliográfico, valemo-nos do que já foi feito por Leite de Vasconcelos, José Pereira Tavares e R. M. Rosado Fernandes, e da consulta a livros e revistas de nossa biblioteca particular e de bibliotecas públicas como as do Liceu Literário Português e do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, com a finalidade de apresentar uma nova tentativa de classificação dos escritos de Epifânio Dias. O artigo de José Pereira Tavares faz muitos comentários a respeito de cada item da bibliografia, sendo pois fonte de outras preciosas informações ao leitor.

Temos consciência de que ainda há lacunas e imprecisões no que fizemos, mas bem menores, e de que demos mais um passo importante na direção do objetivo principal.

5.1 - Questões pedagógicas ⁸⁷

- 1) Análise [manuscrita] dos programas oficiais, destinada à exposição do Conselho do Liceu do Porto (1871).
- 2) *Respostas Dadas ao Questionário Sobre a Reforma da Instrução Secundária* (Portaria de 4 de Novembro de 1876). Lisboa, Imprensa Nacional, 1877.
- 3) *Considerações Sobre a Última Proposta de Lei de Instrução Secundária*, Lisboa, Tip. Barata & Sanches, 1894, 32 p.
- 4) *Considerações Sobre o Regulamento e os Programas do Ensino Secundário e o Modo Como os Têm Executado*, Lisboa, Imprensa Lucas, 1897.

“O último trabalho [diz Leite de Vasconcelos] é, mais que nenhum, primoroso de argúcia e erudição, mau grado certas durezas a que o Sr. Epifânio, por hábito, dificilmente fugia, quando argumentava”⁸⁸.

⁸⁷ Leite de Vasconcelos, op. cit., p. 66-68.

⁸⁸ Ibidem, p. 33.

5.2 - Estudos clássicos (línguas e literaturas grega e latina)

Estudos latinos

- 1) Versão em latim do episódio de Francesca da Rimini (1861) [inédito].
- 2) Tradução de três cartas latinas de Angelo Policiano, impressas nos *Poetas Palacianos*, de Teófilo Braga, Porto, 1871, p. 299-306.
- 3) *Cartas do Padre Antônio Vieira*, que, Segundo o Programa Oficial, Devem Servir de Texto Para os Exames de Composição Latina nas Aulas de Latinidade dos Liceus Nacionais. Porto, Imprensa Portuguesa, 1871 [25 cartas].
- 4) *Trechos de Tito Lívio*, que, Segundo o Último Programa Oficial, se Devem Traduzir nas Aulas de Latinidade dos Liceus Nacionais, Porto, Imprensa Portuguesa, 1870, 148 p.
- 5) *Excertos de Fedro, Cornélio e Cícero*, que, Segundo o Último Programa Oficial, Devem Ser Traduzidos nas Aulas de Gramática Latina dos Liceus Nacionais, Anotados. Porto, Imprensa Portuguesa, 1871.
- 6) *Gramática Latina Para Uso das Escolas*, por J. N. Madvig, Professor da Universidade de Copenhague, Traduzida do Alemão para Português por Augusto Epifânio da Silva Dias. Porto, Tipografia de Manuel José Pereira, 1872. X + 440 p. [Reeditada em 1884 e 1887.]
- 7) *Eutropius, Para Uso das Escolas*, Anotado. Porto, Tipografia de Manuel José Pereira, 1872 [Reeditado em 1876, 1884, 1888, 1889.]

Ernesto Faria, em *O Latim Pelos Textos*, 3ª edição, Rio de Janeiro, Briguiet, 1941, p. 52, refere-se a essa “excelente edição comentada” com a indicação de “Porto, 1876”. Leite de Vasconcelos só conseguiu localizar a 6ª edição, de 1889, dizendo que não pôde averiguar a data da 1ª.

Temos a seguinte edição: *Eutropius, Para Uso das Escolas – Anotado por Augusto Epifânio da Silva Dias*. 5ª edição, melhorada. Porto, Livraria Universal, s/d, 159 p. (em que a “Introdução” está datada de 1886).

Leite de Vasconcelos, na sua obra citada, p. 59-61, transcreve a crítica de Francesco D’Ovidio às edições de Fedro e Eutrópio de Epifânio Dias,
- 8) *O Latim do Sr. Alves de Sousa*, Examinado nas Suas Três Obras: “Gramática Elementar da Língua Latina”, “Curso de Temas Graduados”, “Resposta a um Crítico”. Porto, Tipografia de Manuel José Pereira, 1873, 91 p.
- 9) Prefácio da 1ª edição de *Gramática Latina de J. N. Madvig*, Reduzida a Epítome. Porto, Tipografia de de Manuel José Pereira, 1879. [Reeditada em 1887, 1889.]

Registre-se a seguinte edição póstuma da *Gramática Latina* de Madvig com as seguintes indicações: “Traduzida e Reduzida a Epítome por Augusto Epifânio da Silva Dias e Acomodada aos Programas Modernos por Nicolau Firmino”, editada em Lisboa, Livraria Avelar Machado, 1942 (8+272 p.), e com um esboço biográfico de Epifânio e uma nota “Ao leitor” datada de 1942.
- 10) *Sulpicii Severi Chronica* com Anotações Para Uso das Escolas. Porto, Tipografia de Manuel José Pereira, 1881.
- 11) *Exercícios Latinos de Morfologia e Sintaxe*, Acomodados à Gramática Latina de Madvig. Porto, Tipografia da Manuel José Pereira, 1882.

Reeditado em 1886, 1888, 1889, 1896, 1902, 1943 (com revisão de Nicolau Firmino).
- 12) *Phaedrus, Para Uso das Escolas*, Anotado. Lisboa, A. Ferreira Machado, 1883.

Reeditado em 1886, 1889, 1942 (com revisão de Nicolau Firmino).

- 13) *Trechos Para Versões de Português Para Latim*, Lisboa, 1887.
- 14) *Cartas Seletas de Cícero*, Anotadas Para Uso das Escolas. Porto, 1888.
- 15) *Cornelius Nepos*. Lisboa, Tipografia do Comércio, 1895.
- 16) Artigos em alemão e italiano sobre Cornelius Nepos, ed. de Weidner, 1899.
 O texto em italiano publicado no fasc. 2 do vol. XXVIII da *Rivista di Filologia e d'Istruzione Classica*, segundo informação de R. M. Rosado Fernandes.
- 17) “Epitáfios”, artigos em *O Arqueólogo Português*, Lisboa, Museu Etnológico Português, vol. V, 1899-1900, nº 11-12, p. 334-335, e VI, 1901, p. 150-151 [sobre epitáfios em latim].
- 18) Artigos na revista *Berliner Philologische Wochenschrift*:
 “Kritische Bemerkungen zu Eutrop”, 1890, p. 778-779.
 “Zu *Historia Apollonii Historia Apollonii Regis Tyrii*, iterum recensuit A. Riese”, 1901, p. 763-765.
 “Zu Terenz *Andria*”, V, 2, 16”, 1904, p. 958.
 “Kleinigkeiten” [a respeito de uma interpretação de R. Helm de Ovídio, *Metam*, XV, 739 e seg., e de Plínio, *N. H.*, III, 8], 1907, p. 255.
 “Zu Marcellus Empiricus (XXII, 14)”, 1910, 191.
 “Zu spätlateinischen Schriftstellern” [correções a Vegetius Renatus, IV, 38; à *Vita Caec. Cypriani (Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum Vindobonense*, vol. III, pars. III, XC-XC, cap. 9)], 1912, p. 767-768.
 “Zu spätlateinischen Schiriftstellern” [correções a Eutropius, VII, 22, 1; a Ammianus Marcellinus, XXVIII, 2, 1; à *Historia Apollonii Regis Tyrii*, iterum recensuit A. Riese, 28, 6 etc.], 1913, p. 798.
 Leite de Vasconcelos, op. cit., depois de relacionar estes sete artigos de Epifânio, menciona “as anotações de mão que acompanham muitas das obras latinas da sua livraria, hoje [1922] existentes na da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa”⁸⁹.

Estudos helênicos

- 1) *Curso Elementar de Mitologia Grega*, inédito, 1865-1866.
- 2) Tradução inacabada do *Gorgias* de Platão (1877).
- 3) Tradução de um trecho de Xenofonte, publicado no *Resumo da História da Pedagogia* de Amaral Cirne Júnior, 1881, p. 193-198.
- 4) *Exercícios Gregos*. Porto, Magalhães & Moniz, 1891.
 Há edição revista por Antônio Pinto de Carvalho, Coimbra, Armênio Amado, 1945.
- 5) Artigo em alemão na *Berliner Philologische Wochenschrift*, 1901, p. 603-604, acerca da *Légende Grecque de l'Homme de Dieu Saint Alexis* publicada por F. M. Esteves Pereira, extraída dos *Analecta Bolandiana*, XIX, 1900, p. 241-253.
- 6) Carta em italiano, inédita, a Giovanni Setti, a propósito da edição do *Panegrico* de Isócrates (1901).

⁸⁹ Ibidem, p. 20.

5.3 - Lingüística Portuguesa

Estudos gramaticais e estilísticos

1) *Gramática Prática da Língua Portuguesa*, Para Uso dos Alunos do Primeiro Ano do Curso dos Liceus. Porto, Tipografia do *Jornal do Porto*, 1870.

2) *Gramática Portuguesa Elementar*. Porto, Tipografia de Manuel José Pereira, 1876.

Reeditada em 1878, 1879, 1880, 1881, 1882, 1884, 1888, 1889, 1894, 1899, 1901, 1905, 1921, segundo informação de R. M. Rosado Fernandes.

No prefácio da primeira edição se lê: “Havendo nós posto em linguagem e tirado a lume a gramática latina do sábio dinamarquês Madvig, e tendo, pouco há, conjuntamente com o sr. J. Eduard von Hafe, ordenado e publicado uma gramática francesa que se baseia nos trabalhos do alemão Plötz, necessário era haver uma gramática portuguesa elementar, que, nas doutrinas gerais, se conformasse com aquelas obras. A este fim principalmente redigimos o livrinho que ora damos à estampa”.

3) *Sintaxe Histórica Portuguesa*. Lisboa, Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, 1918. XII +362 p.

Reeditada em 1933, 1954 e 1959, e até data recente.

Nas páginas 359/361 há uma “Declaração do Editor”, datada de 30/11/1917, em que se lê: “Não pôde o Autor dar a última demão à obra: por isso ficaram numerosas regras sem os respectivos exemplos, que o Sr. Epifânio tencionava acrescentar, como consta de claros que o manuscrito apresenta; e também pelo mesmo motivo ha certas incoerências na disposição tipográfica, e às vezes no uso de maiúsculas e minúsculas como iniciais. O revisor não ousou pôr os exemplos que faltam, nem modificar o sistema ou arranjo material: quis seguir, quanto possível, o manuscrito e as primeiras duas folhas”.

4) Artigos vários na *Revista Lusitana* de Leite de Vasconcelos:

“Etimologia de *sediçu* e *valhelhas*”, I, 1887-1889, p. 175. / “*Eno = em no*”, I, 179. / “Etimologia de *gêmeo* e *asted*”, I, 260.

“Etimologias de *estorvo*, *foruncho*, *lanço*”, XII, 1909, p. 142.

“*Raso*, *rasar*, *rasoura*”, XIII, 1910, p.434.

5) Artigo na revista *Zeitschrift für romanische Philologie*:

“Über die spanischen Laute *ç*, *z* und *j*”, XI, 1887, p. 419.

Crítica lingüística e filológica

1) “Sobre os *Autos de Antônio Prestes*, edição de Tito Noronha”, in *Revista Lusitana*, I, 1887-1889, p. 86-91.

2) “Beiträge zu einer kritischen Ausgabe des Vatikanischen portugiesischen Liederbuches”, in *Zeitschrift für romanische Philologie*, XI, 1888, p. 42-47.

Recensão sobre a edição do *Cancioneiro da Vaticana* de Teófilo Braga.

3) “Comentário às *Obras do Poeta Chiado*, por Alberto Pimentel”, in *Zeitschrift für romanische Philologie*, XV, 1891, p. 550-558.

- 4) “Recensão a *Versos de Bernardim Ribeiro*, Lisboa, 1886”, in *Revista Lusitana*, II, 1890-1892, p. 274-287.
Indicação de R. M. Rosado Fernandes.
- 5) “Einige Bemerkungen zur Verbesserung des *Cancioneiro Geral* von Resende”, in *Zeitschrift für romanische Philologie*, XVII, 1893, p. 113-136.
Recensão sobre o texto do *Cancioneiro Geral* na edição de Kausler.
- 6) “Besprechungen”, in *Zeitschrift für romanische Philologie*, XXVII, 1903, p. 465-469.
Recensão sobre o texto da lenda de Barlaão e Josafá editado por G. de Vasconcelos Abreu.
- 7) “Notas Críticas a Textos Portugueses”, in *Revista Lusitana*, VIII, 1903-1905, p. 179-186.
Indicação de R. M. Rosado Fernandes: deve ser a recensão sobre a *Crônica de Guiné* editada pelo Visconde de Santarém e os códices alcobacenses editados por Cornu a que se refere Leite de Vasconcelos.
- 8) Nota crítica mencionada no “Índice” de Leite de Vasconcelos (ob. cit., p. 66) - sobre a *Gramática* de Bento José de Oliveira, inédita, 1872.

5.4 - Crítica Textual

Edições críticas e estudos de textos portugueses

- 1) *Obras de Cristóvão Falcão*, Edição Crítica, Anotada. Porto, Magalhães & Moniz, 1893, 113 p.
- 2) *Esmeraldo de Situ Orbis*, de Duarte Pacheco Pereira, Edição Crítica, Anotada. Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa, 1905, 176 p.
- 3) “*Os Lusíadas*” de Luís de Camões Comentados por Augusto Eptfânio da Silva Dias, 2 tomos. Porto, Tipografia Progresso, 1910 (t. I: XL + 316 p.; II: 350 p.).
2ª edição melhorada: 2 tomos, Porto, Companhia Portuguesa Editora, 1916-1918.
3ª edição, com um estudo prévio de Maximiano de Carvalho e Silva e reprodução fac-similada da 2ª edição, Rio de Janeiro, MEC - Departamento de Assuntos Culturais, 1972.
- 4) “Fragmentos de um Cancioneiro do Século XVI”, in *Revista Lusitana*, IV, 1896, p. 142-179.

5.5 - Ensino de línguas estrangeiras modernas

Gramática Francesa, Para Uso das Escolas, por J. Eduard von Hafe e A. Epifânio da Silva Dias. Porto, Imprensa Comercial de Santos Correia e Matias, 1875.

Reeditada em 1878 e pelo menos mais 8 vezes.

O prefácio esclarece que as duas primeiras partes da *Gramática* (fonologia e morfologia) são de autoria de von Hafe, e a sintaxe, de Epifânio (p. 114-370).

5.6 - Tradução

Uriel da Costa, *Espelho da Vida Humana*. Versão de A. Epifânio da Silva Dias, com Uma Introdução Sobre a Autobiografia de um Livre-Pensador por Teófilo Braga. Lisboa, Imprensa Lucas, 1901. 36 p.